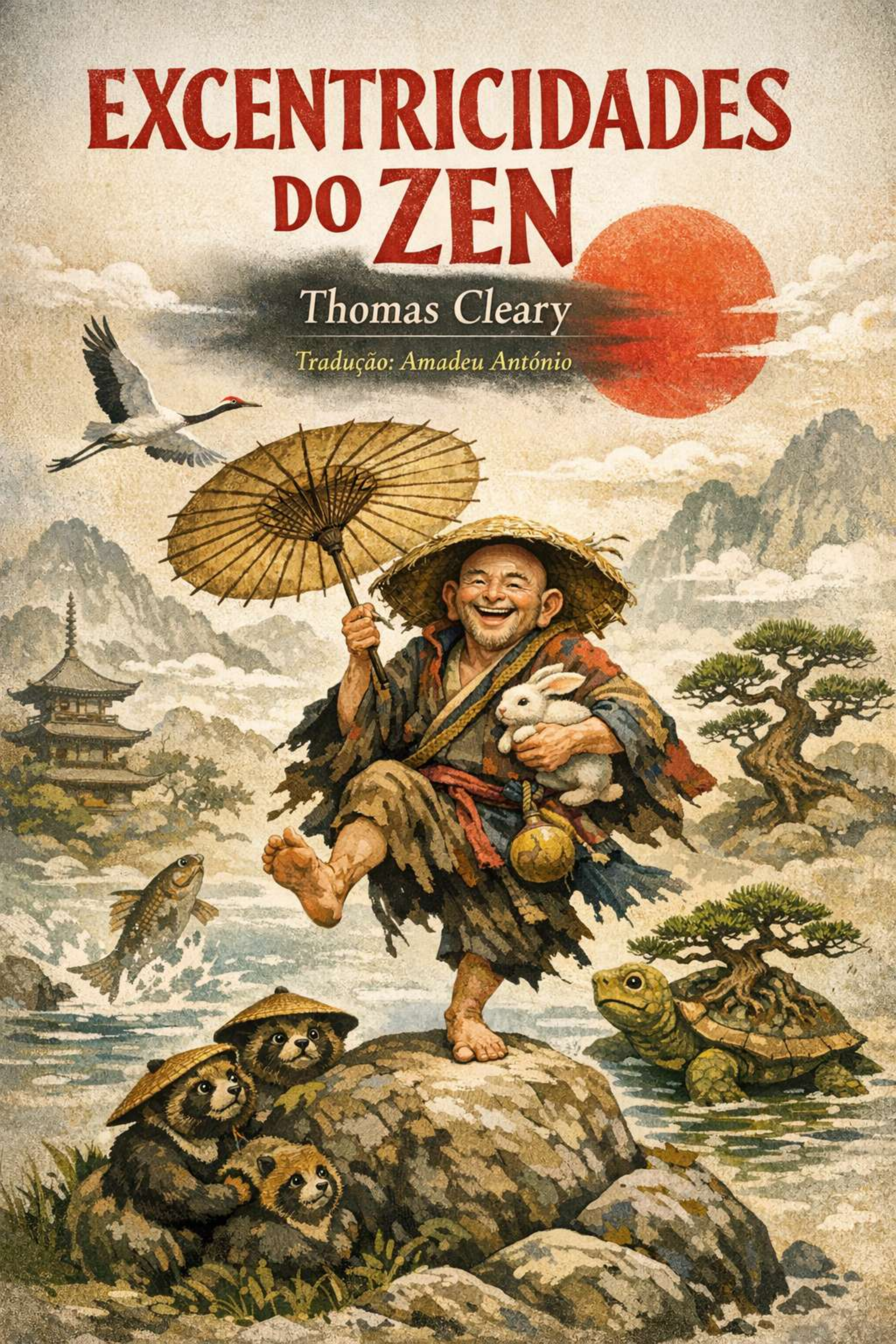
EXCENTRICIDADES DO ZEN

Thomas Cleary

Tradução: Amadeu António



EXCENTRICIDADES ZEN

CEM HISTÓRIAS DE ILUMINAÇÃO

Traduzido e editado por Thomas Cleary – 2014

Sobre o livro

Ao longo da história do Zen, histórias e anedotas de mestres Zen e dos seus discípulos têm sido utilizadas como instrumentos de ensino para exemplificar o espírito iluminado. Ao contrário de muitos dos diálogos desconcertantes entre mestres Zen preservados na literatura dos koans, as histórias aqui recontadas são de uma simplicidade penetrante, mas dotadas de uma riqueza e subtileza que as tornam dignas de serem lidas uma e outra vez. Esta coletânea inclui mais de cem dessas histórias — muitas delas aparecendo pela primeira vez em inglês — extraídas de uma grande variedade de fontes e envolvendo alguns dos mestres Zen mais conhecidos, como Hakuin, Bankei e Shosan. São também apresentadas histórias e anedotas envolvendo famosos artistas e poetas Zen, como Sengai e Bashō.

Thomas Cleary

é doutorado em Línguas e Civilizações do Leste Asiático pela Universidade de Harvard e em Direito pela Boalt Hall School of Law da Universidade da Califórnia, em Berkeley. É o tradutor de mais de cinquenta volumes de textos budistas, taoistas, confucionistas e islâmicos a partir do sânscrito, chinês, japonês, páli e árabe.

Introdução do Tradutor

O budismo Zen é uma ciência de despertar da mente, uma arte de iluminação espiritual. Outrora praticado em toda a Ásia Oriental, sob as mais variadas formas, por pessoas de muitas culturas e condições sociais, o Zen não é um corpo de dogmas, mas um caminho para clarificar e aprimorar a consciência.

O Zen é descrito como «uma transmissão especial fora da doutrina, não definida por formulações literais, mas apontando diretamente para a mente humana para a perceção da sua essência e a realização da iluminação». Antiga e conhecidamente chamado escola do coração iluminado, porta de acesso à fonte e comunicação pura da mente pela mente, o Zen absorveu e impregnou o vasto espectro das práticas e ensinamentos budistas, concentrando-se nas chaves para a sua realização prática.

Todos os ensinamentos budistas dizem respeito a uma ou ambas as duas facetas fundamentais do budismo: o auto-aperfeiçoamento e a ajuda aos outros, sabedoria e compaixão. Estas duas fases do budismo são

concretizadas por meio de práticas que implementam o que se conhece como as seis e as dez perfeições ou vias transcendentes.

O significado destes formatos pode ser mantido em mente através de um jogo de palavras com o termo sânscrito original para as perfeições, *pāramitā*, que significa literalmente «ter chegado ao objetivo» ou «ter ido além». Em essência, as *pāramitās* podem ser consideradas os parâmetros do budismo, os valores característicos que subjazem a todos os sistemas budistas.

A fase de auto-aperfeiçoamento no budismo é caracterizada pelas seis *pāramitās*: dádiva, disciplina, paciência, energia, meditação e visão penetrante.

São tradicionalmente definidos três tipos principais de dádiva no budismo: a dádiva de apoio material; a dádiva de segurança; e a dádiva de educação. Dar significa também renúncia, desapego.

Existem igualmente três tipos principais de disciplina: a disciplina de conter o mal; a disciplina da virtude construtiva; e a disciplina associada à concentração. O Zen ensina também a disciplina sem forma da mente.

Muitos tipos de paciência são praticados no budismo, incluindo a paciência perante o desprezo e o abuso; a paciência perante verdades dolorosas; e a paciência necessária para aceitar a verdade última.

A energia refere-se à perseverança e ao heroísmo espiritual necessários para romper as fronteiras do condicionamento, libertar a mente das limitações desnecessárias do hábito e realizar o seu potencial.

A meditação é necessária para reunir e focar a atenção num grau de profundidade suficiente para permitir ao praticante alterar, à vontade, a perceção e a experiência de si próprio e do mundo. A ciência da meditação é elaborada e aperfeiçoada num grau raro no budismo, com inúmeros métodos concebidos para acomodar as necessidades de pessoas de todos os tipos de potencial e capacidade.

A visão penetrante (*insight*) refere-se habitualmente, no budismo, a um tipo especial de conhecimento, um sentido precognitivo ou intuitivo da essência das coisas, que funciona espontaneamente e de forma instantânea, sem intervenção do raciocínio linear. Isto permite que a mente inteira opere num nível superior de objetividade e integridade, libertando o indivíduo da ilusão.

Existem inúmeras variações nas práticas das seis *pāramitās*, dependendo das necessidades do indivíduo em causa. Em todos os casos, porém, elas têm de ser combinadas para produzirem o efeito desejado. Assim, embora as seis *pāramitās* possam ser vistas como uma sequência em certo sentido, são mais corretamente compreendidas como um conjunto, que pode ser representado num círculo. Nas fases iniciais da prática, as seis perfeições podem ser vistas como funcionando em pares complementares.

Eventualmente, as práticas e realizações de cada uma das seis *pāramitās* integram-se com as de todas as outras, complementando-as e aperfeiçoando-as. Na tradição Zen, a abertura da visão penetrante é frequentemente designada por despertar ou iluminação, mas isso apenas assinala uma etapa em que pode começar uma integração superior das seis *pāramitās* na experiência real, e não a iluminação perfeita suprema de que falam os textos budistas.

Essa iluminação perfeita suprema é realizada através de um programa mais avançado de dez *pāramitās*, que desenvolve a capacidade de alcançar não só iluminação suficiente para si próprio, mas também a grande iluminação para libertar os outros.

As dez *pāramitās* incluem as seis anteriores, acrescentando-lhes quatro perfeições superiores de crescente sofisticação, conhecidas como: habilidade nos meios, voto, poder e conhecimento.

A habilidade nos meios refere-se à capacidade de conceber e empregar técnicas apropriadas para libertar e iluminar outras pessoas. O budismo desenvolveu ao longo dos séculos inumeráveis meios hábeis (*upāya*) para acomodar as necessidades e potenciais de todo o tipo de indivíduos e tipos psicológicos coletivos em todas as fases da civilização humana.

O voto, ou compromisso, é a utilização da vontade dirigida com o propósito de ligar a consciência individual à totalidade do budismo, unindo o desenvolvimento de si próprio e o bem-estar dos outros numa continuidade inseparável.

Muitos votos típicos de bem-estar, libertação e iluminação são descritos na literatura budista, mas todos eles se baseiam nos mesmos princípios fundamentais.

Poder refere-se ao despertar de capacidades superiores e dons espirituais com o propósito de potenciar o funcionamento da dinâmica total das dez *pāramitās*. Embora se acredite que estas capacidades sejam inerentes a todas as pessoas e que estes dons derivem de uma dotação universal, acredita-se também que estejam velados no mundo pelas ilusões e apegos, e por isso só são verdadeiramente úteis em conjunto com a prática efetiva das outras nove *pāramitās*.

O **conhecimento**, enquanto décima *pāramitā* do budismo, tem um âmbito de tal vastidão que dificilmente pode ser definido em todos os seus pormenores e ramificações. Inclui o conhecimento de todas as artes e ciências do despertar, da auto-compreensão e da liberdade; da perceção e distinção das verdades absoluta, relativa e convencional; da harmonização da intuição, da imaginação e da razão; e da vida intencional e da ação significativa, com a capacidade de adaptação a quaisquer circunstâncias.

Devido às suas funções cooperativas no interior de uma dinâmica totalmente integrada, é também conveniente representar as dez *pāramitās* como um círculo ou uma esfera. Mais uma vez, a aplicação prática das dez *pāramitās* pode ser visualizada como começando com os pares complementares nos extremos opostos de cinco diâmetros ou planos e alcançando a perfeição com a plena interpenetração de todas as dez *pāramitās*.

Devido à riqueza e complexidade infinitas da experiência das dez *pāramitās*, foram desenvolvidos inumeráveis métodos de ensino e integração das mesmas. Entre as suas muitas técnicas, o Zen é particularmente conhecido pelo uso de histórias altamente concentradas para imprimir na mente impressões das dez *pāramitās*, conduzindo indutivamente o buscador a uma visão e experiência arredondada e integrada da sua dinâmica total.

Estas histórias não são necessariamente história tal como convencionalmente concebida. Como toda a história, a maior parte da história do Zen é realmente não registada em livros, e não há forma de contornar este facto pela historiografia convencional. O verdadeiro propósito das histórias Zen não reside em documentar acontecimentos do passado, mas no seu efeito sobre quem as lê; e é aí que reside a sua verdadeira história.

Estas histórias também não são, definitivamente, representações de modelos a seguir, tal como o termo é atualmente entendido. As figuras das histórias provêm de mundos que já não existem, pelo que não têm valor como modelos contemporâneos.

Os princípios e práticas que representam, no entanto — as dez *pāramitās* do budismo — existem sim e podem ser postos em prática. Têm de ser realizados e aplicados hoje como sempre, aqui como em qualquer lugar, de forma adequada às condições e necessidades particulares do tempo, do lugar e das pessoas em causa.

O Portão do Templo

Havia outrora um homem rico chamado Hei-zayemon, que se esforçava por realizar na sua vida as virtudes recomendadas pelos antigos sábios.

Homem sério e estudioso, Hei-zayemon gastava liberalmente a sua riqueza em atos de benevolência, caridade e assistência social. Muitas crianças de famílias pobres foram salvas graças à sua intervenção, e ele financiou pessoalmente a construção de inúmeras pontes e estradas na sua província, em benefício do povo.

Quando morreu, Hei-zayemon estipulou no seu testamento que a sua herança deveria continuar a ser usada em obras de socorro ao longo das gerações, e isto foi cumprido pelos seus filhos e netos.

Dizem que um dia apareceu à porta de Hei-zayemon um certo frade budista. Parece que este religioso ouvira falar da benevolência desinteressada do homem rico, algo invulgar entre os ricos da sua época, e viera pedir-lhe dinheiro para construir o portão de um templo.

O filantropo riu-se na cara do frade e disse: «Eu ajudo as pessoas porque não suporto vê-las sofrer. Que mal tem um templo sem portão?»

O Mestre do Sumo Sacerdote

Era uma vez um certo sumo sacerdote de uma seita Zen cujo patrono não era outro senão o barão de uma província. Quando se dirigia à capital para visitar o barão na sua residência oficial, o sumo sacerdote viajava com grande pompa, acompanhado por uma numerosa comitiva e muita ostentação.

Numa dessas viagens, aconteceu que os cavaleiros quiseram comprar novas sandálias de palha numa estação de caminho onde a comitiva parara para descansar. Foi chamado um velho, recomendado pelos carregadores locais, que dizia fazer excelentes sandálias de palha.

Quando este velho se aproximou com as novas sandálias para os cavaleiros, o sumo sacerdote viu-o através da janela da sua liteira e quase desmaiou.

O velho fabricante de sandálias não era outro senão Tōsui, o mestre Zen iluminado que fora seu próprio professor muitos anos antes, antes de um misterioso desaparecimento do seu templo.

Atirando-se para fora da liteira em choque e embaraço, o sumo sacerdote prostrou-se perante o velho e prestou-lhe as mais profundas homenagens.

Tōsui foi amável com ele e falou dos velhos tempos; mas, ao despedirem-se, o mestre disse ao sacerdote: «Não te deixes embriagar pela associação com nobres.»

Pureza de Coração

Certa vez, um grupo de mendigos afetados pela lepra apresentou-se na assembleia do mestre Zen Bankei, um grande mestre de coração generoso que ensinava as massas.

Bankei admitiu-os na sua companhia e, quando os iniciou, lavou e rapou-lhes a cabeça com as próprias mãos.

Sucedeu que estava presente um certo cavalheiro, representante de um barão que tinha fé em Bankei e já construíra um templo na sua província onde o mestre pudesse formar discípulos e dar ensinamentos ao povo.

Horrorizado com a visão do mestre Zen a rapar a cabeça de intocáveis, o cavalheiro apressou-se a trazer uma bacia de água para que Bankei lavasse as mãos.

Mas o mestre recusou, comentando: «A vossa repulsa é mais suja do que as suas feridas.»

O Velho Vendedor de Chá

Havia um velho que costumava gerir uma sala de chá ao ar livre, flutuante, nos arredores pitorescos de Quioto, a antiga capital imperial do Japão.

Na primavera, procurava os locais onde as flores eram mais belas; no outono, encontrava as áreas onde a folhagem estava no seu melhor; aí levava os seus utensílios de chá e montava assentos para servir os caminhantes que apreciavam a paisagem.

Os estetas de Quioto deliciavam-se e reuniam-se onde quer que ele montasse a sua banca. Em pouco tempo, o Velho Vendedor de Chá tornou-se amplamente conhecido na capital.

Poucas pessoas sabiam que o velho era um mestre Zen oculto. Estudante de Zen desde a infância, visitara mestres budistas por todo o país. Viajando constantemente, não possuía bens materiais, estando inteiramente devotado ao estudo do budismo.

Após realizar o despertar Zen, comprometera-se com um estudo e auto-aperfeiçoamento perpétuos, a fim de evitar desviar-se do caminho para a iluminação completa por uma prematura assunção de autoridade.

Após as suas extensas viagens, o mestre regressou à sua terra natal para ajudar o seu professor Zen original. Quando o professor morreu, o mestre nomeou um dos discípulos para herdar a abadia.

Ele próprio desapareceu e foi para Quioto, deixando para sempre o cargo eclesiástico. Nessa altura, disse: «Se o meio de vida de alguém é correto ou não é uma questão da mente, não das aparências. Não desejo aproveitar-me dos hábitos de monge para viver de esmolas à custa dos outros.»

Assim começou a vender chá para se sustentar. Costumava dizer às pessoas, a brincar: «Sou pobre e não posso comer carne, sou velho e não posso agradar a uma esposa. O ofício de vendedor de chá é adequado para mim.»

Eventualmente, o mestre queimou todos os seus utensílios de chá e retirou-se.

Por fim, morreu num eremitério no ano de 1763, aos oitenta e nove anos.

Quando montava a banca, o velho pendurava este letreiro: «O preço do chá é o que quiserem dar-me, desde cem libras de ouro até meio centavo. Podem até beber de graça, se quiserem; mas não vos posso oferecer melhor negócio do que esse.»

Quando finalmente queimou os utensílios e se retirou, estas foram as suas palavras ao cesto de transporte:

«Sempre fui solitário e pobre, sem um pedaço de terra nem uma enxada. Ajudaste-me durante muitos anos, acompanhando-me às montanhas primaveris e aos rios outonais, vendendo chá sob os pinheiros e à sombra dos bosques de bambu. Assim nunca me faltou dinheiro para as refeições e consegui viver mais de oitenta anos.

Mas agora estou tão velho que já não tenho forças para te usar. Escondendo o meu corpo na Estrela Polar, estou prestes a terminar os meus dias. Para que não sejas desonrado no futuro por mãos mundanas, recompenso-te com o Transe do Fogo: transforma-te agora no meio das chamas.

Como expressar esta transformação? O incêndio que termina a era é claro, tudo é consumido; contudo, as montanhas verdes permanecem como sempre nas nuvens brancas. Agora entrego-te ao espírito do fogo.»

Economia

Sōkai era tão pobre que não possuía roupa além de um único manto, que usava todo o ano, em qualquer estação.

Num dia de verão, Sōkai lavou o seu manto e pendurou-o numa árvore para secar. Entretanto, enquanto esperava que o manto secasse, foi sentar-se no cemitério atrás do templo, completamente nu.

Sucedeu que, nesse mesmo dia, o senhor da província veio visitar o túmulo do seu pai, precisamente nesse cemitério. Não é preciso dizer que ficou bastante surpreendido ao ver um monge nu sentado entre os túmulos.

Quando o senhor lhe perguntou o que estava a fazer, Sōkai explicou-lhe a situação com toda a verdade. Comovido pela sua franqueza, o senhor mandou fazer-lhe um conjunto de roupas. Mais tarde, quando Sōkai se tornou mestre Zen, o senhor tornou-se seu discípulo.

Zen no Governo

Um belo dia, o governador de uma certa província perguntou ao mestre Zen Shōsan quais eram os essenciais do budismo.

O mestre respondeu-lhe: «É essencial que abranjas toda a província na sua totalidade completa. Não conseguirás fazê-lo se fores indeciso. Sê extremamente atento em todos os aspetos e toma as tuas decisões oficiais com bondade e compaixão.

Depois, avançando com determinação, deves distinguir claramente a natureza das pessoas e conhecê-las. Em geral, se um líder for de mente estreita e não conseguir distinguir a natureza das pessoas, achará muitas coisas ofensivas. Então o seu humor sai e luta com o humor dos outros. Isso não é estúpido?»

Estudar a Mente

Os Estudos da Mente eram um movimento laico de auto-aperfeiçoamento influenciado pelo Zen. Um dia, um seguidor dos Estudos da Mente veio ter com o mestre Zen Shōsan para perguntar sobre os essenciais do budismo.

O mestre Zen disse: «O budismo não consiste em usar o intelecto discursivo para governar o corpo. Consiste em usar o momento do presente imediato de forma pura, sem o desperdiçar, sem pensar no passado nem no futuro.

É por isso que os antigos exortavam as pessoas, antes de tudo, a serem cuidadosas com o tempo: isto significa guardar a mente com rigor, varrer todas as coisas, boas ou más, e desprender-se do ego.

Além disso», continuou o mestre Zen, «para a reforma da mente é bom observar o princípio de causa e efeito. Por exemplo, mesmo que os outros nos odeiem, não devemos ressentir-nos; devemos criticar-nos a nós próprios, pensando porque razão as pessoas nos odiariam sem motivo, assumindo que deve haver um fator causal em nós, e até que devem existir outros fatores causais ainda desconhecidos em nós.

Mantendo que todas as coisas são efeitos de causas, não devemos fazer juízos baseados em ideias subjetivas. Em geral, as coisas não acontecem de acordo com ideias subjetivas; acontecem de acordo com as leis da Natureza. Se mantiveres a consciência disto, a tua mente tornar-se-á muito clara.»

Indiferença

O Mestre Nacional Daitō Kokushi, cujo nome honorífico significa «Grande Lâmpada, Mestre da Nação», foi um dos fundadores da famosa escola Ō-Tō-Kan do Rinzai Zen. Morreu no século XIV.

De acordo com o costume das antigas escolas Zen, Daitō desapareceu do mosteiro após a sua iluminação, para amadurecer a sua realização escondido no meio do mundo.

Só anos mais tarde foi descoberto a viver debaixo de uma ponte em Quioto, na companhia de mendigos sem abrigo. Dali tornou-se mestre do imperador.

Daitō escreveu certa vez um poema sobre a sua vida como proscrito:

Quando alguém se senta em meditação, vê as pessoas a ir e vir sobre a ponte da avenida como árvores que crescem no fundo das montanhas.

Objetividade

O mestre Zen Tenkei era considerado um dos oito maiores adeptos budistas da sua época. Mestre de todas as escolas, Tenkei ajudou a reviver o Zen no início dos anos 1700 através dos seus muitos discípulos iluminados e das suas numerosas obras escritas em modos clássicos e contemporâneos.

Certa vez, Tenkei citou o famoso poema do Mestre Nacional Daitō e ofereceu um seu:

Quando alguém se senta em meditação, vê as pessoas a ir e vir sobre a ponte da avenida tal como elas são.

Zen e a Arte de Governar

Um certo senhor costumava visitar o mestre Zen Tenkei para perguntar sobre a essência do budismo. Quando o mestre estava na sua última doença, o senhor enviou um mensageiro para saber dele. Tenkei mandou o mensageiro de volta ao senhor com esta nota:

«Gerir uma casa e governar um estado são também práticas religiosas. Tem cuidado em implementar políticas humanas, para que haja confiança e harmonia entre o governante e os governados. Este é o meu último conselho.»

Limpar o Rabo de um Buda

No grupo do mestre Zen Hakuin havia um monge louco que pensava ter realizado a identidade entre o eu e o Buda. Ele rasgava as escrituras budistas e usava as páginas como papel higiénico.

Os outros monges repreendiam-no por isso, mas ele não lhes dava atenção, respondendo com altivez: «Que mal tem usar escrituras budistas para limpar o rabo de um Buda?»

Alguém repetiu isto ao mestre Hakuin, que perguntou ao monge louco: «Dizem que estás a usar escrituras budistas como papel higiénico. É verdade?»

O monge louco respondeu: «Sim. Eu próprio sou um Buda. Que mal tem usar escrituras budistas para limpar o rabo de um Buda?»

Hakuin disse: «Estás enganado. Se é o rabo de um Buda, porque usas papel velho com escrita? Deverias limpá-lo com papel branco e limpo.»

O monge louco sentiu vergonha e pediu desculpa.

Conduta

Um monge perguntou ao mestre Zen Bankei: «Não é inofensivo brincar em momentos espontâneos de leveza?»

Bankei respondeu: «Está bem se quiseres perder a confiança.»

Arte da Mente

Um certo senhor veio perguntar ao mestre Bankei sobre a «arte da mente» Zen. Em vez de acolher a pergunta, Bankei repreendeu o senhor, dizendo: «Sei que despediste um erudito leigo porque não reconhecias o seu valor. Como podes sequer perguntar sobre a arte da mente Zen?»

Um Despertar

O mestre Zen Setsugen disse ao seu discípulo Jijō: «Se meditares com mente única, sem interrupção, durante sete dias e sete noites e ainda assim não atingires a realização, podes cortar-me a cabeça e fazer do meu crânio uma pá para esterco.»

Pouco depois, Jijō contraiu uma disenteria. Levando um balde para um lugar isolado, sentou-se nele e manteve a atenção na correta mindfulness.

Quando já estava sentado no balde durante sete dias seguidos, numa noite sentiu de repente o mundo inteiro como uma paisagem nevada sob o luar brilhante e sentiu como se o universo inteiro fosse pequeno demais para o conter.

Esteve absorvido nesse estado durante muito tempo, até que um som o sobressaltou e o trouxe de volta à consciência de si. Descobriu que todo o corpo lhe corria em suor e que a doença desaparecera. Em celebração, escreveu um verso:

Radiante, espiritual — o que é isto? No instante em que pestanejas, já o perdeste. A espátula junto à latrina brilha com luz; Afinal, sempre fui só eu.

O Ponto Supremo

O sacerdote Zen Taigu foi solicitado para se tornar abade de um templo. Uma mulher local que perdera um filho veio pedir ao novo abade que realizasse os ritos fúnebres.

A mulher disse ao sacerdote Zen: «Considerar-me-ia afortunada se fosse agraciada com a vossa compaixão. Por favor, dizei-me para onde foi o meu filho.»

Taigu não conseguiu responder. A mulher partiu, chorando amargamente.

O sacerdote Zen disse para si mesmo: «Pensei que tinha atingido a realização. A pergunta desta mulher mostrou-me que não conheço o ponto supremo. Qual é o propósito de ser abade num templo?»

Assim, Taigu abandonou o cargo e partiu, procurando aprofundar a sua compreensão do Zen.

Coragem

Um certo senhor que estudava Zen com Bankei era jovem e apreciador das artes marciais. Um dia decidiu testar a «coragem» do mestre, atacando-o de repente com uma lança enquanto ele estava sentado em silêncio.

O mestre Zen desviou calmamente o golpe com o seu rosário. Depois disse ao senhor: «A tua técnica ainda é imatura; a tua mente moveu-se primeiro.»

«Não Te Perturbes»

Mugaku foi um dos fundadores do Zen no Japão. Nascido na China, experimentou o seu primeiro despertar aos doze anos, quando ouviu um verso Zen ao visitar um templo rural com o pai:

As sombras do bambu varrem as escadas, mas nem um grão de poeira se mexe; O luar penetra as profundezas do lago, sem deixar rasto na água.

Quando a horda mongol de Kublai Khan invadiu o sul da China em 1275, Mugaku fugiu dos incêndios da batalha; mas quando a província onde se refugiara foi tomada no ano seguinte, deixou de fugir.

Enquanto os guerreiros mongóis invadiam o recinto monástico onde Mugaku estava sentado, todos os outros monges chineses e trabalhadores monásticos esconderam-se como ratos nas suas tocas.

Os guerreiros aproximaram-se do mestre Zen que estava sozinho na sala e encostaram as espadas ao seu pescoço. Totalmente composto, Mugaku entoou calmamente um verso:

Em todo o universo, nem sequer tenho espaço suficiente para apoiar um cajado; Felizmente encontrei a personalidade vazia e os fenómenos vazios. Adeus, espadas do império mongol.

Comovidos pela compostura destemida do mestre Zen, os soldados mongóis embainharam as espadas e partiram.

No ano de 1280, Mugaku foi convidado para o Japão por Hōjō Tokimune, regente do xogum. Quando Tokimune visitou o mestre Zen na primavera do ano seguinte, Mugaku escreveu ao regente uma mensagem de três palavras: «Não te perturbes.»

Quando Tokimune pediu uma explicação, o mestre Zen disse: «Na junção da primavera e do verão, o sul do Japão estará em alvoroço; mas acalmar-se-á em breve, por isso não deves preocupar-te.»

Como se verificou, uma força de invasão mongol atacou o sul do Japão precisamente nesse outono, tal como o mestre Zen dissera. E, como o mestre previra, os invasores foram repelidos e a paz foi restaurada em breve.

Vencer sem Esforço

O Caminho de Vencer sem Esforço era uma escola de artes marciais fundada por um guerreiro chamado Tsukahara Bokuden. Uma famosa história sobre ele ilustra o nome e a metodologia da sua escola.

Numa viagem para o leste do Japão, Bokuden embarcou numa pequena barca que levava mais cinco ou seis passageiros.

Durante a travessia, todos os passageiros estavam em silêncio, exceto um homem grande e robusto que falava em voz alta, gabando-se incessantemente das suas incomparáveis proezas nas artes marciais.

Ao princípio, Bokuden tentou dormir, sem prestar atenção ao rufia. Mas, cansado das fanfarronices do homem, acabou por se virar para ele e disse: «Bem, agora já ouvimos todo o tipo de histórias da tua parte, não é? O que não entendo nelas são as histórias exageradas sobre artes marciais. Eu próprio pratiquei artes marciais desde jovem, exercitando-me segundo as formas estabelecidas, mas até agora nunca pensei em tentar vencer alguém. Tudo em que trabalhei foi em como não perder para ninguém.»

Ao ouvir isto, o homem atrevido perguntou: «Que escola de artes marciais segues?»

Bokuden respondeu: «Vencer sem Esforço, ou o Caminho de Não Perder.»

O homem retrucou: «Se é questão de vencer sem esforço, porque andas armado com espadas?»

Bokuden respondeu: «As duas espadas da 'comunicação da mente pela mente' quebram a ponta da presunção e cortam os rebentos dos pensamentos errados.»

Ao ouvir isto, o rufia desafiou Bokuden para um duelo, dizendo: «Então, se tivermos um duelo, vencerás sem esforço?»

Bokuden disse: «Neste caso, embora a espada do meu coração seja uma espada que dá vida, na medida em que o oponente é um homem mau, torna-se uma espada que dá morte.»

Agora o homem arrogante já não conseguia conter a raiva crescente. Ordenou ao barqueiro que rumasse imediatamente à margem para que ele e Bokuden pudessem resolver o assunto.

Bokuden fez um sinal discreto ao barqueiro com os olhos e depois disse ao fanfarrão: «A margem é um porto movimentado, demasiado cheio para um duelo. Mostrar-te-ei o Caminho de Vencer sem Esforço por Não Perder ali adiante, naquela ilhota ao largo do promontório. Embora tenha a certeza de

que as outras pessoas nesta barca têm pressa de seguir viagem, se insistes tanto, podemos muito bem ter um duelo.»

Assim, o barqueiro remou até à ilhota, onde o rufia saltou para a margem, desembainhando a longa espada. Gritou a Bokuden: «Vem cá, vem cá! Vou partir-te a cara ao meio!»

Ainda a bordo da barca, Bokuden respondeu: «Espera um momento. O Caminho de Vencer sem Esforço exige que se acalme a mente.» Dito isto, Bokuden tirou as espadas do cinto e entregou-as ao barqueiro, recebendo em troca o remo da barca.

Por um momento pareceu que Bokuden ia encostar a barca à margem; depois, de repente, empurrou o remo na direção oposta e afastou a barca para o meio da água.

Ao ver isto, o rufia gritou: «Porque não vens para aqui à margem?»

Bokuden disse a rir: «Porque haveria de vir? Se tens alguma queixa, nada até aqui e dou-te uma lição para o caminho. Isto é o Caminho de Vencer sem Esforço!»

Um Retiro Zen

O mestre Zen Taigu viveu durante algum tempo no fundo das montanhas, na zona rural da província a norte de Quioto. Escreveu um par de versos em memória desse retiro:

Sem mais problemas da cidade, Sem disputas de juízo: No outono varro as folhas junto ao riacho, Na primavera ouço os pássaros nas árvores.

A primavera chega ao mundo humano com vasta e grande bondade; Cada flor desabrochada oferece um Buda.

Sem dar por isso, a neve remanescente derreteu-se toda — Miríades de formas desfranzem as sobrancelhas em conjunto, todas como uma.

A Fundação de um Templo

Quando o mestre Zen Taigu foi à capital Edo a meio do século XVII, o próprio xogum, Tokugawa Iemitsu, expressou o desejo de ter uma audiência com o mestre Zen.

Taigu desapareceu na própria noite em que foi convocado para ver o xogum. Não se ouviu falar dele durante dez anos.

Num outono, Taigu viajou para banhar-se nas termas de uma certa província, a fim de tratar a sua artrite. Passando pela Estrada da Neve, o

mestre Zen passou o inverno como hóspede na casa de um leigo budista piedoso.

Sucedeu que o distinto mestre Zen Gudō, velho amigo de Taigu, também veio visitar exatamente a mesma casa.

Quando o governador da província soube da presença destes dois grandes anciãos Zen no seu domínio, convidou-os para a sua mansão para falar sobre o Ensino.

Sendo artrítico e rígido nas duas pernas, Taigu costumava sentar-se num almofadão grosso. Quando ele e Gudō foram introduzidos na sala de receção da mansão do governador, para surpresa deles, o próprio governador colocou um almofadão grosso no assento de Taigu, percebendo a sua enfermidade e tratando-o com grande consideração.

Gudō comentou: «Governador, sois muito perspicaz, mas temo que não vivais muito tempo.»

Taigu ficou vermelho na cara e disse: «Este velho Gudō não sabe distinguir o bem do mal — aprova as pessoas ao acaso. Que sabe um jovem imaturo?»

O governador elogiou Taigu, dizendo: «Ele é genuinamente digno de ser mestre.»

Como resultado deste encontro, o governador mandou construir um templo e nomeou Taigu como o primeiro mestre ali.

Ensinar Zen

Um dia o governador da província perguntou ao mestre Zen Taigu: «Dizem que O Registo do Penhasco Azul é o principal dos livros Zen: é verdade?»

Taigu respondeu: «É.»

O governador pediu: «Por favor, explicai uma ou duas histórias desse livro.»

Taigu disse: «Temo que não entendais.»

Mas o governador continuou a insistir, pelo que finalmente Taigu disse em voz alta, citando a primeira história desse livro Zen: «‘Estando vazio, não há santidade.’»

O governador disse: «Não entendo.»

Taigu respondeu: «Afinal não conseguiste manter-te firme.»

A Morte de um Mestre

O ilustre mestre Zen Bankei morreu num templo rural na última década do século XVII. No fim, os seus discípulos pediram-lhe um verso de despedida, segundo o antigo costume Zen.

O mestre disse: «Estive neste mundo durante setenta e três anos, dos quais passei quarenta e quatro a ensinar Zen para libertar os outros. Tudo o que vos indiquei durante mais de meia vida é o meu verso de despedida. Não há outro verso de despedida a compor. Porque haveria eu de imitar toda a gente e fazer uma confissão no leito de morte?»

Dito isto, o grande mestre Zen Bankei faleceu, sentado perfeitamente direito.

Uma Lâmpada Solitária

Sonome era uma poetisa bem conhecida e uma profunda estudiosa do budismo. Certa vez escreveu ao mestre Zen Unkō: «Não buscar nem a realidade nem a falsidade é a raiz da Grande Via. Toda a gente sabe isto, por isso, embora possa parecer imodesto dizê-lo, não penso que seja algo especial. Como acontecimentos na fonte de uma só mente, os salgueiros são verdes, as flores são vermelhas. Apenas sendo como é, passo o tempo a recitar versos e a compor poesia. Se isto for conversa inútil, então as escrituras também são conversa inútil. Não gosto de nada que cheire a religião, e a minha prática diária é invocação, poesia e canto. Se for para o paraíso, ótimo; se cair no inferno, é auspicioso.»

Por mim mesmo recordo não buscar a mente; a lâmpada verde já iluminou o coração da minha lâmpada solitária.

Quer no clamor quer no silêncio, tenho um espelho claro: discerna perfeitamente os corações puros entre os humanos.

Não é algo que exista, que alguém possa ver e conhecer, nem deixa de existir: tal é a lâmpada da verdade.

Quando Sonome estava prestes a partir, despediu-se do mundo com este poema:

O céu da lua de outono e o calor da primavera: É um sonho? É real? Salve o Buda da Luz Infinita!

Melhor do que Flores

Numa certa primavera, o poeta de haiku Bashō decidiu fazer uma viagem para ver as flores num lugar famoso pela sua paisagem. Pelo caminho, ouviu falar de uma pobre rapariga camponesa conhecida pela devoção aos pais.

Intrigado, Bashō foi à procura da rapariga. Quando a encontrou, deu-lhe todo o dinheiro que trouxera para as despesas da viagem. Depois regressou a casa, sem ter visto as flores.

Disse ele: «Este ano vi algo melhor do que flores.»

Comunicação

Certa vez, quando o mestre Zen Bankei estava prestes a deixar um templo na capital onde ensinava de tempos a tempos, um certo cavalheiro veio pedir ao mestre que adiasse a partida. Um certo barão tinha uma pergunta e queria ver pessoalmente o mestre Zen no dia seguinte para a resolver. Bankei concordou e adiou a partida.

No dia seguinte, porém, o cavalheiro regressou, desta vez com a mensagem de que o barão tinha assuntos urgentes a tratar e não podia vir ver o mestre. O barão pedira ao cavalheiro que transmitisse a sua pergunta a Bankei e depois levasse a resposta do mestre Zen de volta.

Quando ouviu o cavalheiro até ao fim, Bankei disse: «Esta questão do Zen é difícil de transmitir mesmo por pergunta direta e resposta direta; é ainda mais difícil transmiti-la por mensageiro.»

O mestre Zen não disse mais nada. Sem palavras, o cavalheiro retirou-se e partiu.

Realidade

O mestre Zen Tenkei costumava admoestar os seus seguidores: «Deveis ser genuínos em todas as coisas. Nada que seja genuíno no mundo deixa de o ser no budismo, e nada que não seja genuíno no budismo é genuíno no mundo.»

Dizia também: «Vede com os olhos, ouvi com os ouvidos. Nada no mundo está escondido; que quereis que eu diga?»

Um Buda que Cura

Tomomura Yūshōshi, «Amigo dos Pinheiros», era de Nagasaki, que naqueles dias era o único porto do Japão aberto ao comércio estrangeiro. Diz-

se que Yūshōshi nasceu de uma ligação entre um mercador chinês e uma prostituta local. Quando entrou no negócio como médico e lhe perguntaram sobre a sua origem, Yūshōshi escreveu simplesmente que era filho de uma prostituta de Nagasaki. As pessoas elogiaram-no pela sua honestidade e força de carácter.

Segundo registos escritos pelos seus alunos, Yūshōshi não se preocupava com reputação nem com lucro, mas gostava do bem e desprezava o mal. Interessando-se pelo budismo e tendo uma inclinação natural pelos seus ensinamentos, a sua predileção era curar pessoas e salvar vidas. Para esse fim, estudou tanto as artes médicas taoistas como as artes psicológicas budistas com praticantes chineses, e depois meditou dia e noite durante três anos até atingir a compreensão.

Yūshōshi prestava tratamento médico a pedido, com resultados notáveis. Fez a sua estreia em Quioto antes mesmo dos trinta anos e foi hóspede de honra de barões de todo o país. Diz-se também que foi elogiado pelo fundador e pelos anciãos da seita Ōbaku, uma escola Zen chinesa recém-transplantada para o Japão.

Yūshōshi era também versado em adivinhação, geomancia e astrologia. Dizem que ensinava estas matérias aos seus alunos, de acordo com as suas capacidades.

Uma das peculiaridades de Yūshōshi era dizer exatamente o que pensava nas discussões com outros médicos, fossem amigos ou estranhos. Se via que estavam errados, explicava porquê, dirigindo-se-lhes diretamente sem hesitação. Se ouvia alguém dizer algo equivocado, discutia abertamente. Ele próprio dizia que fazia isto para ajudar os outros. Em todo o caso, como resultado, alguns médicos consideravam-no louco, outros consideravam-no direto. Uns elogiavam-no, outros difamavam-no.

Vergonha e Consciência

Havia um certo mercador que ficou profundamente impressionado com a elevada virtude do monge Zen Hakuin. Costumava oferecer ao monge presentes em dinheiro e bens de tempos a tempos.

Sucedeu que a filha do mercador teve um caso amoroso com um criado da família, resultando no nascimento de uma criança. Quando o mercador, furioso, exigiu uma explicação, a filha disse que tinha sido engravidada pelo monge Hakuin.

O mercador ficou furioso: «Pensar que dei esmolas a um mau careca como aquele durante dez anos!» Pegando na criança ao colo, o mercador

levou-a diretamente a Hakuin. Colocando-a no colo do mestre Zen, o mercador insultou-o abundantemente e partiu indignado.

Hakuin não discutiu. Começou a cuidar da criança como se fosse sua. As pessoas que o viam também acreditavam que ele era o pai.

Num dia de inverno, quando Hakuin estava a mendigar de casa em casa na neve que caía, levando o bebé consigo, a filha do mercador viu-os e ficou cheia de remorso. Em lágrimas, foi ter com o pai e confessou a verdade.

Mortificado, o mercador ficou completamente perdido. Correu para se lançar ao chão aos pés do mestre Zen Hakuin, implorando perdão.

Hakuin limitou-se a sorrir e disse: «A criança tem outro pai?»

Zen em Ação

O mestre Zen Man-an escreveu a um discípulo leigo do Zen: «Se queres atingir rapidamente o domínio de todas as verdades e ser independente em todos os acontecimentos, não há nada melhor do que a concentração na atividade. É por isso que se diz que os estudantes de misticismo que trabalham no Caminho devem sentar-se no meio do mundo material.

O Terceiro Patriarca do Zen disse: ‘Se queres dirigir-te ao Caminho da Unidade, não sejas avesso aos objetos dos seis sentidos.’ Isto não significa que devas entregar-te aos objetos dos seis sentidos; significa que deves manter a correta mindfulness contínua, sem agarrar nem rejeitar os objetos dos seis sentidos no decurso da vida quotidiana, como um pato que entra na água sem que as suas penas se molhem.

Se, pelo contrário, desprezares os objetos dos seis sentidos e tentares evitá-los, caí em tendências escapistas e nunca realizarás o Caminho da Budaidade. Se vires claramente a essência, então os objetos dos seis sentidos são eles próprios meditação, os desejos sensuais são eles próprios o Caminho da Unidade, e todas as coisas são manifestações da Realidade. Entrando na grande estabilidade Zen indivisa entre movimento e quietude, corpo e mente ficam ambos livres e aliviados.»

Virtude Oculta, Recompensa Manifesta

O mestre Zen Hakuin costumava contar uma história de quando era jovem estudante, viajando para ver mestres Zen e meditando sobre o vazio, pelo qual os seguidores do Zen procuram limpar as suas mentes de imaginações subjetivas em preparação para a perceção da verdade objetiva.

Numa ocasião, Hakuin viajava na companhia de outros dois monges budistas. Um deles pediu a Hakuin que lhe carregasse a bagagem, alegando fraqueza e fadiga por doença.

O jovem Hakuin concordou prontamente, tirando a mente do peso extra ao mergulhar ainda mais profundamente na contemplação do vazio.

Observando a juventude e o zelo de Hakuin, o outro monge decidiu também aliviar os seus ombros. Alegando doença como o primeiro, pediu a Hakuin que carregasse também a sua bagagem.

No espírito do serviço budista, Hakuin pegou na terceira carga e continuou o caminho, imergindo-se no vazio com mais intensidade do que nunca.

Eventualmente, os três monges chegaram a um ponto onde só podiam prosseguir de barco, pelo que embarcaram numa balsa no cais mais próximo.

Completamente exausto, Hakuin desabou num monte e adormeceu profundamente.

Quando acordou, o jovem buscador ficou momentaneamente desorientado. Parecia que tinham acabado de atracar, mas não tinha memória da viagem.

Notando um cheiro fétido, olhou à volta e viu que toda a gente estava verde na cara e coberta de vómito. E olhavam para ele de forma muito estranha.

Verificou-se que a balsa tinha encontrado uma borrasca durante a travessia e fora tão violentamente sacudida que todos, incluindo o próprio barqueiro, tinham ficado incontrolavelmente enjoados. Apenas o jovem estudante Zen Hakuin, tão exausto de carregar a bagagem dos dois companheiros que dormiu durante toda a tempestade, não fora afetado de todo.

Esta, relatou o mestre Zen Hakuin, foi a forma como percebeu pela primeira vez, através da própria experiência, que o princípio de que a virtude oculta é manifestamente recompensada é realmente verdadeiro.

Esvaziar o Inferno

Um samurai ao serviço do baronato provincial veio visitar o mestre Zen Hakuin.

O mestre perguntou ao samurai: «Que fizeste?»

O samurai disse: «Sempre gostei de ouvir ensinamentos budistas. Fiquei infetado com uma doença por causa disso.»

Hakuin perguntou: «Como é a tua doença?»

O samurai disse: «Primeiro encontrei um mestre Zen e investiguei o princípio da essência da mente. Depois encontrei um mestre da Disciplina Shingon e estudei o cânone esotérico. Desenvolvendo dúvida e confusão sobre estas duas escolas, enquanto estava no meio da visualização da letra A, surgiram de repente na minha mente imagens de infernos. Quando tentei detê-las por meio do princípio da essência da mente, as duas visões colidiram, pelo que a minha mente ficou perturbada. No sono tenho pesadelos, e acordado só me esforço em pensamento conceptual.»

Hakuin estalou a língua e disse: «Sabes o que é que teme o inferno?»

O samurai disse: «A visão do vazio! Apanhei esta doença.»

Hakuin gritou ao samurai repetidas vezes, expulsando-o aos gritos, dizendo: «Pequeno patife! Um samurai é alguém tão leal ao seu senhor que não foge de inundações nem de incêndios, e expõe o corpo a lanças e espadas sem tremer nem pestanejar. Como podes temer a visão do vazio? Agora mesmo, cai em cada um desses infernos, e vamos verificá-los!»

O samurai queixou-se: «Como pode um mestre mandar as pessoas cair num estado mau?»

Hakuin riu-se e disse: «Os infernos em que eu caio são oitenta e quatro mil! Olha — não há lugar onde eu não caia!»

Finalmente percebendo o ponto do mestre, o samurai ficou radiante de alegria.

Religião do Dia a Dia

Um dos grandes barões do oeste do Japão foi visitar o mestre Zen Hakuin e pedir-lhe instrução. Sucedeu que, ao mesmo tempo, um aldeão trouxera uns bolos de milho-miúdo para o mestre Zen. Hakuin pegou imediatamente nos bolos e ofereceu-os ao barão.

Acostumado a comida rica, o barão nunca tinha comido milho-miúdo. Não conseguia forçar-se a comer os simples bolos da camponesa.

Observando isto, Hakuin repreendeu o barão, dizendo: «Força-te a comê-los; assim conhecerás a miséria do povo comum. O meu ensino não é mais do que isto.»

Relações Sociais

No Japão feudal tardio, o consumo de bens era regulado por leis detalhadas, que variavam consoante a classe social. Na área do mestre Zen Hakuin havia um mercador rico, muito conservador, cujas regras domésticas proibiam os criados de levar guarda-chuvas. A consequência desta regra, porém, era simplesmente que os criados guardavam guarda-chuvas em casas de amigos e usavam-nos quando necessário ao sair.

Um dia, aconteceu que uma certa criada da casa desse mercador comprou um guarda-chuva novo e levou-o ao mestre Zen Hakuin, esperando que ele escrevesse o nome dela nele.

Quando chegou ao templo, um assistente concordou em levar o guarda-chuva e transmitir o pedido ao mestre. Explicou também a Hakuin a situação na casa do mercador.

Tendo ouvido tudo isto, Hakuin pegou num pincel e escreveu no guarda-chuva de papel: «Chova ou faça dilúvio, não desobedecerei ao meu patrão.»

A criada ficou encantada. Sendo analfabeta, não conseguia ler o que o mestre escrevera. Assumiu que era o seu nome, como pedira.

Num dia chuvoso, a criada pediu licença para fazer um recado. Enquanto caminhava com o guarda-chuva aberto contra a chuva, começou a notar que as pessoas se riam dela. Perguntando o que se passava, acabou por saber o que realmente estava escrito no guarda-chuva.

Furiosa, a mulher foi ter com Hakuin exigindo compensação pelo guarda-chuva. Em vez disso, o mestre Zen convidou-a a entrar e falou-lhe sobre como trabalhar para um patrão.

Depois, Hakuin foi ver o próprio mercador. «Um criado também é filho de alguém, sabes», disse ao homem rico, que ficou tão comovido pela compaixão do grande mestre que alterou as regras da sua casa.

Chuva Noturna

Antes de ir viver para as montanhas, o mestre Zen Ranryo viajou por todas as quatro direções, sem distinção entre corte e campo, cidade e aldeia, não evitando nem tabernas nem bordéis.

Quando alguém lhe perguntou por que agia assim, o mestre Zen disse: «O meu Caminho está mesmo aí, onde quer que eu esteja. Não há qualquer lacuna.»

Mais tarde, Ranryo retirou-se para as montanhas, onde construiu uma simples cabana e levou uma vida de frugal austeridade enquanto continuava a trabalhar no Zen.

Particularmente afeiçoado à chuva noturna, Ranryo queimava incenso e ficava acordado nas noites de chuva, por vezes até ao amanhecer. Os habitantes das aldeias da montanha, não conhecendo o seu nome, começaram a chamá-lo «o Monge da Chuva Noturna». Isto divertiu-o, pelo que adotou Chuva Noturna como nome literário.

Certa vez, um visitante perguntou a Ranryo sobre os méritos relativos da meditação Zen e da prática budista da Terra Pura de recordação do Buda, recitando o nome do Buda da Luz Infinita.

Ranryo respondeu em verso:

Meditação Zen e Recordação do Buda são como duas montanhas;
Potenciais mais altos e mais baixos dividem um único mundo. Quando chegam,
todos igualmente veem a lua no cume; Só pena os que não têm fé e sofrem na subida.

A Porta da Compaixão

Jimon era filha de um samurai. A sua mãe morreu quando ela tinha onze anos, e o pai faleceu alguns anos depois, quando ela tinha quinze. Aos dezoito anos, rapou a cabeça e tornou-se freira.

Jimon era rica em bondade e compaixão, fazendo tudo o que podia para ajudar os necessitados. Numa noite de inverno, durante uma forte nevasca, dois pequenos mendigos apareceram à sua porta. Pareciam-lhe tão friorentos que ela imediatamente tirou o manto exterior e lho deu.

Nessa ocasião, compôs um poema, dizendo:

A desgraça dos desamparados — como são miseráveis estas mangas demasiado estreitas para abrigo que os impeçam de passar a noite ao relento.

Noutra noite gelada, um ladrão entrou na sua cabana à procura de dinheiro ou outros objetos de valor. Jimon levantou-se calmamente e disse: «Coitado! Imagina atravessar campos e montanhas para vir aqui numa noite tão fria! Espera um momento, que te faço algo quente!»

Dito isto, Jimon ferveu-lhe uma papa de cereais, sentando-o junto à lareira. Enquanto ele comia, começou a falar-lhe: «Eu renunciei ao mundo», disse ela, «por isso não tenho nada de valor. Mas podes levar o que quiseres.

Há, no entanto, uma coisa que quero de ti em troca. Tenho-te observado, e parece-me que poderias ganhar a vida decentemente com qualquer tipo de

trabalho ou negócio que quisesses. E no entanto estás aqui neste estado miserável, não só desonrando-te a ti próprio como também desonrando a tua família. Não é uma vergonha?

Quero que mudes de atitude e abandones o roubo. Leva tudo o que há na minha cabana e penhora-o para arranjares dinheiro e começares um negócio adequado. Assim ficarás muito mais tranquilo!»

Profundamente comovido, o jovem ladrão agradeceu e partiu sem levar nada.

Formação de uma Escola

Durante dez anos após a sua iluminação, Gessen serviu como abade de um mosteiro bem conhecido. Por fim, deixou o mosteiro e foi viver para um eremitério onde ninguém sabia quem ele era.

Misturando-se com os aldeões, Gessen ensinava às crianças locais a ler, a escrever e a fazer contas, introduzindo gradualmente ideias budistas de forma indireta.

Eventualmente, buscadores de Zen de todo o país vieram à sua procura. Por fim, não havia um celeiro ou curral num raio de quilómetros do seu eremitério que não tivesse sido alugado como alojamento por alunos e seguidores do grande mestre Zen Gessen.

Mente e Essência

Ishida Baigan foi o fundador dos Estudos da Mente Shingaku, um movimento laico inspirado no budismo Zen. Até aos cinquenta anos, diz-se, o desagrado transparecia no rosto de Baigan sempre que algo o ofendia. Depois dos cinquenta, porém, nunca mais manifestou qualquer sinal de prazer ou desagrado. Quando chegou aos sessenta anos, disse: «Agora atingi a facilidade.»

Certa vez alguém lhe perguntou: «São diferentes a mente e a essência?»

Baigan respondeu: «A mente inclui tanto a essência como os sentidos; tem movimento e quietude, substância e função. A essência é a substância, que é tranquila; a mente, que se move, é a função. Falando da mente em termos de essência, ela assemelha-se à essência de certa forma; a substância da mente é sem mente até ser perturbada; a essência também é sem mente. A mente é o reino da energia, a essência é o reino do noumeno *(Talidade ou Natureza Búdica).* Tal como a lua se reflete mesmo numa minúscula gota de orvalho, o noumeno está interiormente presente em todas as coisas, embora seja invisível.»

Temperamento

Certa vez um homem veio ter com o mestre Zen Bankei e confessou que nascera com um temperamento irascível, que achava incontrolável apesar das suas tentativas de o dominar.

O mestre Zen disse: «Que coisa interessante com que nasceste! Tens esse temperamento irascível agora? Se sim, mostra-mo, que eu curo-to.»

O homem disse: «Não o tenho neste momento. Surge inesperadamente, quando algo acontece.»

O mestre Zen respondeu: «Nesse caso, o teu temperamento irascível não é algo inato em ti.»

Meditação Sentada

Alguém perguntou ao grande mestre Bankei sobre a meditação sentada Zen. Ele respondeu: «A harmonização com a sabedoria inefável inerente a todos antes de se envolver em pensamento e conceptualização chama-se meditação; o desapego de todos os objetos externos chama-se sentar. Apenas fechar os olhos e ficar sentado aí não é o que eu chamo meditação sentada; só a meditação sentada sintonizada com o conhecimento subtil é considerada valiosa.

Todo o sofrimento é questão de girar em círculos viciosos de ilusão por causa do uso de pensamentos. Quando surgem pensamentos de raiva, tornas-te um titã; o desejo faz de ti um animal; o apego às coisas faz de ti um fantasma faminto. Se morreres sem abandonar isto, giras eternamente em rotinas, assumindo todo o tipo de formas, rodopiando no fluxo do nascimento e da morte.

Se te desapegares dos pensamentos, não há confusão, logo não há causa nem efeito. Não havendo causa nem efeito, não há giro em rotinas. Enquanto entretiveres pensamentos, quando cultivas bons pensamentos há boas causas e efeitos, e quando fazes mal há más causas e efeitos. Quando te desapegares do pensamento e sintonizares com o conhecimento subtil, não há causas nem efeitos de nascimento ou morte.

Quando falo assim, parece uma visão de nada, mas não é. A razão por que digo que isto não é nada é que, quando o digo, cada um de vós o ouve. Mesmo que não penses em ouvir, porque o conhecimento original inerente a todos está efetivamente consciente, consegues ouvir distintamente. Quando tocas no fogo ou na água, sabes que é quente ou frio; contudo ninguém aprende a sentir calor ou frescura.

Isto funciona para além do pensamento, por isso, mesmo que não haja pensamento, não pode ser chamado nada. Este conhecimento subtil inerente compreende tudo sem se envolver nas ideias dualistas de ser e nada, tal como um espelho claro reflete distintamente as imagens das coisas. Então que pensamento discursivo é necessário para isto?

O pensamento discursivo existe porque há confusão. Quando chegas ao conhecimento não discursivo, percebes e distingues as coisas antes do pensamento discursivo, por isso, no fim, não há confusão. É por isso que o conhecimento não discursivo é valorizado.

Por esta razão, a meditação sentada com conhecimento subtil não fabricado é a prática mais elevada.»

O Caminho para o Caminho

Sōkai estava na congregação do mestre Zen Daiyū há um ano quando, certa noite, teve subitamente uma perceção ao levantar-se da meditação. Indo ter com o mestre, Sōkai apresentou a sua compreensão.

Daiyū disse: «Entraste na sala, mas ainda não entraste no quarto.»

Sōkai perguntou: «Porque dizes isso?»

Daiyū citou uma frase escriturística: «‘Não permaneças em nada, contudo anima a mente’», e perguntou a Sōkai: «Que significa ‘contudo anima a mente’?»

Sōkai respondeu: «Quando procuras a mente, ela não pode ser encontrada.»

Daiyū disse: «Afinal não atingiste a penetração.»

Sōkai retrucou: «Não aceito duvidar.»

Erguendo a voz, Daiyū disse: «Não, não! Se realmente queres atingir o Caminho, tens de morrer completamente uma vez; só então o podes realizar!»

Libertação

Ōhashi, a cortesã, era filha de um vassalo do xogum. Foi vendida à prostituição pelo pai depois de este ter perdido o cargo e ficado na mais extrema pobreza.

Ōhashi era encantadora, inteligente e bem educada em literatura e artes. Graças às suas qualidades, tornou-se uma famosa cortesã no bairro das luzes vermelhas de Quioto.

Incapaz de se reconciliar com a desgraça que lhe sucedera, Ōhashi caiu numa depressão incurável e começou a definhar.

Um dia, um visitante notou o seu estado e perguntou-lhe se estava deprimida por algum motivo. Ōhashi explicou-lhe como tudo acontecera. O visitante disse: «Não admira que estejas doente! Custaria mil peças de ouro puro curar a tua doença! Há, no entanto, uma forma de te libertares, mas temo que não acredites.»

Ōhashi insistiu: «Se me disseres a verdade, como poderia duvidar? Por favor, ensina-me!»

Assim, o visitante explicou a Ōhashi: «Em todo o teu corpo, nada age separadamente da perceção e da cognição. A perceção e a cognição têm um hospedeiro. Seja o que for que estejas a fazer, mesmo quando estás com pressa, procura este hospedeiro dentro de ti. O que é que vê? O que é que ouve? Se praticares esta introspeção com seriedade e não desistires, a tua natureza de Buda inerente surgirá subitamente. Quando chegares a este estado, encontrarás um atalho para escapar ao reino da miséria.»

Levando estas palavras a sério, Ōhashi começou a praticar este exercício introspectivo em segredo. Eventualmente chegou ao ponto em que não havia interrupção na sua atenção interior.

Então, numa noite, surgiu uma terrível tempestade, tão violenta que o raio caiu em mais de vinte lugares. Tendo sempre tido pavor de trovões e relâmpagos, Ōhashi encolheu-se debaixo da roupa de cama com a sua criada.

De repente, Ōhashi lembrou-se do exercício Zen. Deitando fora os medos, sentou-se muito direita.

De repente, um raio caiu no pátio. O impacto atirou Ōhashi de costas, cortando-lhe a respiração.

Quando recuperou o fôlego, Ōhashi notou que as suas perceções eram de algum modo diferentes do habitual, e sentiu uma alegria indescritível.

Subsequentemente, Ōhashi foi libertada da servidão no bordel quando um homem pagou a sua dívida e casou com ela. Depois procurou o mestre Zen Hakuin e passou o resto da vida a aprofundar a sua compreensão.

Um Despertar

Zeshin passou muitos anos em reclusão no Monte Yoshino, fora da antiga capital Quioto. Aí praticou simplesmente sentar-se, até que um dia a sua mente se abriu e esqueceu todo o seu conhecimento intelectual.

Num templo próximo vivia um velho adepto da escola Sōtō do Zen. Zeshin foi ter com ele e contou-lhe a sua realização, procurando testemunho da sua iluminação. O adepto disse: «O mestre Bankei é o guia iluminado da época. Vai ter com ele para estudar.»

Assim, Zeshin dirigiu-se diretamente ao templo Jizō, a leste de Quioto, onde lhe disseram que Bankei estava. Na altura, porém, o grande mestre encontrava-se em reclusão e não recebia visitantes.

Ainda assim, Zeshin ia ao templo todos os dias e ficava sentado do lado de fora do portão o dia inteiro, regressando à cidade à noite. Fez isto durante treze dias seguidos.

Por fim, o dono da estalagem onde Zeshin se hospedava perguntou-lhe o que se passava. Zeshin contou-lhe os factos tal como eram. Tentando ajudar, o estalajadeiro indicou-lhe o mestre Dokushō, de Saga, ali perto.

Agora Zeshin foi visitar Dokushō e contou-lhe a sua compreensão. Dokushō limitou-se a dizer: «Guarda-a bem.» Zeshin partiu no mesmo dia e regressou ao Monte Yoshino.

Vários meses depois, Zeshin partiu novamente para tentar ver Bankei, o mestre da época. A caminho do templo Jizō, soube que Bankei estava então em Edo, a capital dos xoguns, onde ensinava no templo Kōrin.

Quando Zeshin finalmente chegou, Bankei encontrou-se imediatamente com ele.

Quando Zeshin apresentou a sua compreensão, Bankei disse: «E o fim último?»

Zeshin hesitou, tentando pensar em algo para dizer; depois baixou a cabeça.

Isto aconteceu três vezes.

Por fim, Zeshin perguntou: «Há um fim último?»

O mestre Zen Bankei disse: «Não sabes como usá-lo.»

Zeshin voltou a baixar a cabeça, incapaz de dizer algo.

Algo semelhante aconteceu três vezes antes de Zeshin finalmente perguntar: «Como é que se usa?»

Nesse momento, um rouxinol cantou no pátio. Bankei disse: «Ouves o rouxinol quando ele canta.»

Zeshin entrou em êxtase. Prostrou-se três vezes perante o mestre Zen.

Bankei disse: «Depois disto, não fales em vão.»

No fim do retiro de meditação de verão no templo Kōrin, Bankei regressou ao seu principal centro de ensino no oeste do Japão. Zeshin seguiu-o até lá.

Ainda Vivo

Kōsen estudou Zen com o mestre Ryōten, tentando meditar sobre o vazio. Ryōten admoestou-o: «A meditação Zen intensiva tem de ser como um mudo a ter um sonho. És demasiado intelectual para estudar Zen.»

Longe de se desencorajar com isto, Kōsen redobrou os esforços. Numa noite, enquanto estava sentado a ver a chuva, um jovem monge chamou-o em voz alta. Kōsen respondeu e, de repente, experimentou um despertar de visão penetrante.

Mais tarde, Kōsen foi estudar com o mestre Zen Hakujun. Um dia, o mestre citou uma famosa linha das escrituras que diz: «Não permaneças em nada, contudo anima a mente.» Depois perguntou a Kōsen: «O que é 'a mente'?»

Kōsen disse: «Não permanecer em nada!!!»

Hakujun deu-lhe seis ou sete murros e disse: «Ignorante! Ainda não sabes o significado das palavras 'contudo anima', pois não?»

Nesse momento, Kōsen atingiu a libertação.

Sofrimento Inútil e Desconfiança

Certa vez, o mestre Zen Bankei disse a um grupo de pessoas: «Quando fui pela primeira vez inspirado a buscar a iluminação, como não encontrei um mestre iluminado, pratiquei todo o tipo de austeridades, consumindo o meu corpo.

Por vezes cortava todo o contacto humano e vivia isolado. Por vezes construía um recinto de papel e sentava-me dentro dele, ou montava biombos e sentava-me numa sala escura, em posição de lótus sem me deitar, até as minhas coxas ficarem ulceradas e supuradas, deixando cicatrizes permanentes.

Depois, quando ouvia falar da existência de um mestre em tal lugar numa tal província, ia diretamente lá para o encontrar. Após vários anos disto, havia poucos lugares em todo o Japão onde os meus passos não tivessem chegado.

Tudo isto foi devido ao facto de não ter encontrado um mestre iluminado. Quando a minha mente se abriu um dia, pela primeira vez percebi quão inútil tinham sido os meus anos de esforço e dor, e atingi a paz.

Agora digo-vos a todos como atingir a realização nas vossas vidas presentes sem vos esforçardes excessivamente, mas não acreditais completamente nisso. Isso é porque não estais verdadeiramente sérios.»

Confissões de um Mestre Zen

Yui-e, um ancião da escola Sōtō do Zen, veio ter com o mestre Zen Bankei e disse: «Fui inspirado quando tinha dezassete ou dezoito anos. Durante mais de trinta anos sentei-me por longos períodos sem me deitar, concentrando-me com mente única, mas achei difícil apagar os pensamentos errantes e a consciência falsa. Nos últimos anos, tanto a minha mente como o meu intelecto tornaram-se claros, e atingi a paz. Como é que tu concentravas no passado?»

Bankei respondeu: «Eu também me esforcei com a ocorrência de pensamentos quando era jovem, mas de repente percebi que a nossa escola é a escola do olho iluminado, e ninguém pode ajudar outro sem uma perceção clara. Desde o início transcendi todas as outras preocupações e concentrei-me unicamente na obtenção de uma visão clara. Por esta razão, dominei a capacidade de ver se as outras pessoas têm verdadeira perceção.»

Mente e Montanha

Certa vez, o mestre Zen Bankei passou várias noites sentado debaixo de um crucifixo num terreno de execução, testando a sua mente Zen. Depois deitou-se num talude que circundava um curral.

Sucedeu que havia um guerreiro no curral a bater num cavalo. Ao ver isto, Bankei gritou: «Ei! Que pensas que estás a fazer?»

O guerreiro ouviu o mestre Zen gritar mas não lhe prestou atenção. Chicoteando o cavalo, galopou passando por Bankei. De novo o mestre gritou: «Ei! Que pensas que estás a fazer?»

Isto aconteceu três vezes antes de o guerreiro parar e descer do cavalo. Ao aproximar-se do mestre Zen, viu agora que Bankei não era um homem comum. O guerreiro disse: «Estavas a gritar comigo. Tens algo para me dizer?»

Bankei disse: «Em vez de bateres no teu cavalo por ser indómito, porque não te castigas a ti próprio e treinas a tua própria mente corretamente?»

Um Disciplinador Rígido

Enzui era um mestre raro. Nunca mostrava qualquer sinal de raiva no rosto e raramente falava. Nunca se deitava para dormir e mal comia. Nem desejos materiais nem sexuais lhe ocorreram na vida.

Um dia, o mestre Zen de Enzui, Manzan, chamou-o e repreendeu-o, dizendo: «Jejuar e nunca te deitares estão a inibir o teu potencial para o Caminho. A diligência e a meditação estão a diminuir a tua vida de sabedoria. Porque não te libertas completamente, seguindo naturalmente o fluxo, tornando-te um indivíduo limpo e livre sem artifício nem compulsão?»

Inclinando-se em gratidão, Enzui partiu, cobrindo as lágrimas. Depois disso, esforçou-se ainda mais, aumentando as suas práticas ascéticas. Um dia a sua mente abriu-se, e atingiu um estado onde não há dúvida.

Mais tarde na vida, Enzui regressou à sua província natal e construiu lá um claustro, prometendo dali em diante nunca mais sair para a sociedade humana. Mesmo que antigos conhecidos lhe escrevessem, não respondia, e quando buscadores de Zen batiam à sua porta, não abria.

Enzui morreu em 1736, aos setenta anos. Um dos seus seguidores relatou: «O mestre jejuou e nunca se deitou toda a vida, continuando estas austeridades até ao momento da morte, quando vestiu um manto formal e faleceu sentado numa cadeira. Mesmo depois de morto, o seu corpo permaneceu direito, a sua postura de meditação ainda composta.»

A Semente da Prática Zen

Um dia, o mestre Zen Shōsan disse de certo indivíduo: «Fulano é um grande praticante, não é? Diz que, não importa de que praga morra, quer morrer tão calmamente como se estivesse a passear pelo bairro.»

Um dos alunos do grupo disse: «Ele apenas pensa assim — não é o tipo de homem para praticar Zen.»

O mestre disse: «Mesmo que assim seja, ainda é um homem com a semente da grande prática Zen.»

Últimas Palavras

Quando Tenkei estava no leito de morte, estava rodeado pela sua congregação de discípulos, que choravam e lamentavam. O mestre Zen olhou à volta para eles e disse: «Quando o Buda estava prestes a entrar na extinção, estava rodeado por monges, monjas, leigos e leigas, todos chorando em angústia. O Buda repreendeu-os, dizendo: ‘Se realmente compreendês as

quatro nobres verdades, porque chorais?' Não censuro o vosso choro e lamento hoje, porque ainda não estais livres do apego ao Ensino.

Perguntais porque digo isto? Toda a minha vida tenho sustentado o budismo Zen e trabalhado de coração para as pessoas, mas os sentimentos humanos são arrogantes, a influência da educação é fraca e muito poucas pessoas têm fé. Imaginando como não haverá guias para trazer o verdadeiro ensino no futuro, sem dar por isso choro.

Tudo é condicionado e, em última análise, vazio de si inerente. Isto é fácil de dizer mas difícil de compreender claramente. Temo que possais mal-entender; mas quando realmente compreenderdes, sereis herdeiros do ensino do Buda, retribuindo o benefício do Buda e dos fundadores Zen. Sustentando este princípio, trabalhai pelo benefício dos outros, continuamente.

Se pessoas que não estão presentes aqui vierem a procurar-me no futuro, dizei-lhes que disse isto no meu leito de morte, chorando enquanto falava.»

O Declínio e o Renascimento do Zen

Hakuin, o grande mestre Zen que reviveu a seita Rinzai no século XVIII, estudou com muitos mestres. Foi, no entanto, Shōjū Rōjin quem lhe abriu os olhos para a profundidade e amplitude do verdadeiro Zen.

Shōjū costumava dizer: «Esta escola Zen nossa declinou na dinastia Sung [960–1278] e extinguiu-se na dinastia Ming [1368–1644]. Embora algum resíduo de eficácia tenha sido transmitido ao Japão, é ténue como estrelas em pleno dia. Esta situação é verdadeiramente lamentável.»

Shōjū também disse: «Hoje em dia, por toda a parte, só há imitadores sem vida a estudar letreiros, 'mestres Zen' sem visão libertada. Tais pessoas nem sonharam com o que é transmitido pelos iluminados.»

Mais tarde, após a sua própria iluminação, Hakuin dizia às pessoas: «Quando ouvi as críticas do velho Shōjū, perguntei-me porque estaria tão indignado com os centros Zen da época, com a proliferação de mosteiros e o surgimento de mestres famosos. Mais tarde, quando viajei pelo mundo Zen e vi vários 'mestres', não encontrei um único mestre verdadeiro com grande visão penetrante. Só então percebi como o Caminho do velho Shōjū era muito superior ao dos outros centros Zen.»

Independência

Certa vez, o mestre Zen Tenkei foi formalmente convidado para se tornar o abade docente de certo mosteiro. Recusou, dizendo: «A decadência tem aumentado há muito; como a base do ensino se perdeu, como pode alguém aparecer no mundo como mestre? Não digam mais nada sobre isso.»

O emissário que trazia o convite respondeu: «A congregação do mosteiro só quer pedir-te emprestado pelo bem do Grande Ensino. Quem diria que isso é heterodoxo?» E continuou a suplicar ao mestre Zen com tanta insistência que Tenkei acabou por concordar.

No ano seguinte, porém, Tenkei retirou-se do mosteiro por causa de certo incidente. Disse num verso:

Vir foi bom, ir também é bom; água corrente, nuvem flutuante — um mendicante individual. Porque ser levado pelo nariz pelos outros? Seguindo as circunstâncias, hoje volto a saltar.

Últimas Palavras

A «Velha Senhora O-San» atingiu a iluminação enquanto estudava com o mestre Zen Tetsumon. Mais tarde, quando o grande mestre Hakuin veio à sua província, O-San foi vê-lo.

Para testar a mulher, Hakuin perguntou-lhe sobre «o som de uma só mão a bater palmas».

O-San respondeu prontamente com um verso:

Em vez de ouvir o som de uma só mão de Hakuin, bate palmas com as duas mãos e faz negócios!

Quando O-San estava na sua doença final, estava rodeada pelos filhos, que procuravam algumas últimas palavras dela. Ela sorriu e entoou um verso:

Neste mundo onde as palavras não permanecem de todo, mais do que o orvalho nas folhas, o que haveria eu de dizer para a posteridade?

Nascimento e Morte

Goshū veio ter com o mestre Zen Yui-e e disse: «Estudo Zen há muitos anos, mas ainda não consegui. Por favor, dá-me alguma orientação.»

Yui-e disse: «Não há truque secreto no estudo Zen. É apenas questão de liberdade do nascimento e da morte.»

Goshū perguntou: «Como se passa pelo nascimento e pela morte para a liberdade?»

Erguendo a voz, Yui-e disse: «Cada pensamento teu que passa é nascimento e morte!»

Com estas palavras, Goshū entrou em êxtase, sentindo como se tivesse largado um fardo pesado.

Um Herege Reformado

Ummon começou a estudar livros confucionistas e textos religiosos aos catorze ou quinze anos. Aos vinte e dois, porém, teve uma mudança de coração. «Mesmo que lesse todos os livros exotéricos e esotéricos existentes», refletiu, «de que serviria isso na fronteira entre a vida e a morte?»

Depois disso, ofereceu todos os seus livros e abandonou os estudos académicos.

Subsequentemente, Ummon foi ver um mestre Zen, que lhe ensinou a trabalhar em koans.

Ummon protestou: «Não quero trabalhar em koans. Apenas saber por mim mesmo um estado de morte total e cessação completa, tendo-me tornado um monte de cinzas, não entretenho dúvidas. No decurso das atividades diárias, o que está a acontecer? Está lá? Não está? Enquanto me perguntar isto, é suficiente.»

O mestre Zen disse: «Se ages assim, tornar-te-ás um herege.»

Ummon retrucou: «Mesmo que me torne um herege, é suficiente ter atingido a paz de espírito.»

Ummon continuou a meditar com mente única durante mais dois anos.

Um dia, enquanto recolhia lenha na floresta, Ummon sentiu o mundo inteiro colapsar, incluindo ele próprio. Nesse instante atingiu uma alegria cósmica.

Depois disso, Ummon refletiu: «Embora tenha atingido a minha própria paz e felicidade, isto não é mais do que o princípio dos ensinamentos canónicos padrão. E o que dizer da mensagem Zen que é especialmente transmitida fora da doutrina?»

Assim redobrou os esforços durante mais dois anos, até finalmente descobrir a experiência viva do Zen. Agora a sua mente estava completamente libertada.

Quando Ummon estava prestes a morrer, admoestou os seus alunos nestes termos: «Tenho quatro afirmações. A primeira é cortar todas as enredações mentais, confiar na verdade universal. A segunda é largar corpo e mente, desprender-se do nascimento e da morte. A terceira é transcender o absoluto, estabelecer uma vida individual. A quarta é transportar pedras e carregar terra, perpetuar a vida da sabedoria.»

O verso de despedida de Ummon dizia:

A última palavra ilumina os céus e ilumina a terra.

Um Sábio Excêntrico

Entsū foi um sábio excêntrico da pouco conhecida escola Ōbaku do Zen.

Homem pouco convencional, ia onde queria e fazia o que desejava. Vivia sozinho, sem se fixar em lugar algum. Quase nada se sabe com certeza sobre a sua vida.

Certa vez, Entsū estava na cidade de Quioto para visitar uma certa família. No alvoroço, o simples mestre Zen esqueceu para onde ia. Sem saber o que fazer, começou a bater às portas, uma após outra, perguntando a quem atendia: «É esta a casa que Entsū deve visitar?»

Noutra ocasião, alguém pediu a Entsū que escrevesse um prefácio para certo livro. Entsū concordou, mas rabiscou tão mal que o prefácio ficou ilegível em muitos pontos. O homem que pedira a escrita levou-lho de volta para perguntar o que dizia.

O mestre Zen examinou novamente a sua própria escrita várias vezes e, por fim, declarou: «Também eu não consigo ler! Um dos meus alunos é bom a ler a minha letra — é melhor mostrares-lho a ele.»

Erudição Zen

Honkō foi um mestre Zen de talento invulgar, irreprimivelmente destacado, com vasta aprendizagem e memória poderosa. O seu próprio mestre Zen, Shigetsu, fora um dos maiores mestres eruditos. O próprio Honkō viajava pelo país a dar palestras sobre Zen a convite de centros de todo o lado.

Entre os numerosos escritos de Honkō há um comentário sobre partes do temível *Shōbōgenzō*, a obra-prima do grande mestre Zen Dōgen do século XIII. A primeira e única grande obra budista escrita em japonês clássico, o *Shōbōgenzō* é uma das obras mais difíceis do cânone.

Enquanto Honkō trabalhava no seu comentário ao *Shōbōgenzō*, um monge dedicado ao estudo da lógica veio ter com ele a pedir que expusesse o

Śūrangama-sūtra, uma obra extremamente abstrusa e complexa em língua chinesa.

Imediatamente o mestre Zen colocou o *Śūrangama-sūtra* à direita e pôs um pedaço de papel ao meio. Depois prosseguiu a dar uma palestra sobre o *Śūrangama-sūtra* enquanto simultaneamente lia o *Shōbōgenzō* e escrevia um comentário sobre ele, mantendo a atenção nas três tarefas sem confusão.

Os que observaram isto ficaram atónitos, e começaram a circular rumores de que Honkō era a encarnação de um espírito ou de um santo.

Longa Jornada para Casa

A natureza excecional de Daikyū era evidente já quando era apenas uma criança. Mestres de todas as escolas do budismo procuraram inscrevê-lo como discípulo, mas os pais recusaram autorização.

Ainda assim, Daikyū acabou por deixar casa para entrar na discípula Zen quando tinha apenas cinco anos.

Quando Daikyū tinha quinze anos, um dia ouviu por acaso o seu mestre falar com alguém sobre algo que chamou «o estado antes do nascimento». Isto intrigou Daikyū, e ele costumava sentar-se a meditar sempre que tinha tempo livre.

Mais tarde, Daikyū foi ver o mestre Zen Zōkai em Quioto para perguntar sobre os essenciais da concentração. Pelo caminho, manteve a atenção na ponta do nariz, pelo que nem sequer viu o alvoroço e a pompa da antiga capital enquanto por ela caminhava. Tão absorto estava na concentração que embateu em inúmeras carruagens de cavalos na estrada, com os condutores a gritarem-lhe enquanto ele continuava indiferente no seu caminho.

Tendo encontrado o mestre Zōkai, Daikyū pediu permissão para ali ficar a estudar Zen. Zōkai concordou e deu a Daikyū a tarefa de cuidar dos medicamentos do mestre. Daikyū tinha dezoito anos nessa altura.

Um dia, quando Daikyū foi deitar fora alguns resíduos de ervas, esqueceu-se completamente de si ao chegar ao rio. Embora fosse a estação em que os bordos se tornam escarlates como brocado, nem sequer os viu. Tal era a intensidade pontual da sua concentração. As pessoas chamavam-lhe «o Ajudante Extasiado».

Aos vinte e três anos, Daikyū foi encontrar-se com o famoso mestre Zen Kogetsu e expressou-lhe a sua perceção. Kogetsu disse: «A tua perceção é afinal a de um estranho. Seria completamente inútil na margem da vida e da morte. Concentra intensamente a tua energia mental, e um dia atingirás naturalmente a unificação.»

Depois Kogetsu ensinou a Daikyū um conjunto de doze poemas de um antigo mestre Zen chinês e mandou-o usá-los para o guiar nas suas meditações diárias e noturnas.

Um dia no verão seguinte, enquanto Daikyū levava uma garrafa de chá para o armazém, sentiu de repente como se estivesse a caminhar no espaço, com a mente sólida como ferro. Ao parar e ficar ali, um vento claro soprou-lhe para o peito. Continuando o caminho, embateu numa coluna e subitamente teve uma perceção.

Daikyū foi ter com o mestre Zen Kogetsu e disse: «Hoje finalmente atravessei a obstrução no meu coração!»

Kogetsu limitou-se a sorrir.

Após vários anos de estudo adicional com Kogetsu, Daikyū pensou que dominara completamente o Zen. Calculando que não havia ninguém em parte alguma que pudesse ensinar-lhe mais alguma coisa, Daikyū decidiu procurar um lugar de retiro para amadurecer a sua realização.

No decurso da sua jornada, porém, Daikyū leu por acaso um verso escrito pelo grande mestre Zen Hakuin. Era tão extraordinário que Daikyū determinou ir ver Hakuin pessoalmente.

Quando Daikyū encontrou Hakuin, achou o grande mestre uma personalidade Zen verdadeiramente impressionante. Em breve pediu permissão para continuar os seus estudos Zen com Hakuin.

Já um buscador de longa data, Daikyū tinha um caderno onde registara todas as afirmações Zen que dominara. Determinado a fazer um recomeço fresco sob a tutela de Hakuin, pegou agora no seu precioso caderno e queimou-o.

Daikyū tinha vinte e seis anos nessa altura.

Um dia, Daikyū acompanhou Hakuin numa visita a Unzan, outro mestre Zen. No decurso da conversa, surgiu o tema do clássico Zen *O Registo do Penhasco Azul*. Unzan perguntou a Hakuin qual o verso dessa coletânea que considerava o melhor. Hakuin nomeou certo verso, e Unzan concordou.

Daikyū, que estava ali sentado a ouvir a conversa dos dois mestres anciãos, ficou completamente perplexo com o que ouviu. Ele próprio estudava Zen há mais de vinte anos, e ainda assim era incapaz de fazer distinções tão finas como os mestres anciãos.

No caminho de regresso, Daikyū quis dizer a Hakuin o que compreendera, mas achou difícil transmitir. Seguindo o grande mestre pela estrada, Daikyū avançou várias vezes, tentando fazer Hakuin parar e falar com ele.

Consciente de que Daikyū estava maduro para uma rutura, Hakuin deliberadamente esquivou-se dele e continuou a andar.

Profundamente perturbado, Daikyū foi sentar-se no alpendre de uma casa à beira da estrada.

Após meditar durante um bom bocado, Daikyū teve subitamente uma perceção. Abrindo os olhos, descobriu que Hakuin já ia longe.

Correndo de volta ao templo, Daikyū apresentou a sua compreensão a Hakuin. O mestre ancião atestou a verdade da sua realização.

Pouco depois, Daikyū deixou Hakuin. Ao despedir-se, perguntou ao grande mestre: «Qual é a fórmula primária?»

Hakuin disse: «A, B, C.»

Daikyū perguntou: «Qual é a fórmula secundária?»

Hakuin disse: «M, N, O.»

Daikyū inclinou-se e partiu.

O assistente de Hakuin, o mestre Zen Tōrei, ouviu esta troca. Mais tarde disse aos seus seguidores: «Aquele Daikyū é mesmo rude; nem sequer perguntou pela fórmula terciária. Espero que venha aqui alguma vez, para eu poder sondar o assunto por ele.»

Quando Daikyū tinha vinte e nove anos, regressou para cuidar do seu primeiro mestre, que era agora um homem muito idoso.

Uma noite Daikyū sentou-se até muito tarde, quando por acaso ouviu um cão a uivar. Nesse momento a sua mente abriu-se subitamente, e atingiu a grande iluminação, abandonando de uma vez todo o conhecimento e visões anteriores.

No dia seguinte foi ver Seizan, um mestre Zen com quem trabalhara no passado. Antes de Daikyū dizer uma palavra, Seizan disse-lhe: «Eu sabia desde o início que tinhas potencial para a iluminação. Tenho estado aqui à tua espera há muito tempo para que a catalisasses por ti próprio. Parece ser uma questão de oportunidade. Não te oculto nada; agora leguei-te o tesouro do olho da verdade.»

Daikyū limitou-se a inclinar-se.

Eventualmente Daikyū tornou-se mestre Zen. Era muito rigoroso. «Uma vez que a vida universal se manifesta», exigia dos seus alunos, «porque não conseguis atravessar para a liberdade?» Para seu profundo pesar, ninguém na sua congregação compreendia o que queria dizer.

Na primavera do seu quinquagésimo nono ano, Daikyū adoeceu. Percebendo que o fim estava próximo, entregou ao seu herdeiro espiritual os sinais de sucessão, incluindo o manto da fé que representa a transmissão dos preceitos budistas e um documento da linhagem precisa dos mestres.

Quando a condição de Daikyū se tornou crítica, os seguidores que o rodeavam pediram-lhe uma declaração final.

Erguendo-se majestosamente, Daikyū assumiu uma aparência alegre. Com um sorriso abriu os olhos, certificando-se de que todos o vissem fazer isso. Depois faleceu ali sentado num estado de serena calma.

Um Buda Embriagado

Suiwō e Tōrei foram os dois assistentes mais capazes do mestre Zen Hakuin. Suiwō era conhecido como mestre de grande capacidade, Tōrei como mestre do detalhe subtil. Muitos dos sucessores posteriores de Hakuin receberam na verdade o seu treino avançado de um ou de ambos estes mestres mais jovens.

Suiwō já tinha mais de trinta anos quando conheceu Hakuin pela primeira vez. Nada se sabe do seu início de vida. O grande mestre Hakuin viu em Suiwō um homem de espírito excecional e pressionou-o fortemente para que realizasse o seu potencial.

Suiwō passou vinte anos na escola de Hakuin, mas vivia a dez milhas de distância e nunca ia ao templo exceto quando havia uma palestra. As suas consultas privadas com os mestres davam-se sempre tarde na noite, pelo que ninguém via Suiwō chegar ou partir. Nos dias de palestra saía logo após o discurso. Assim, mal se dava conta de que Suiwō era discípulo de Hakuin.

Suiwō era excêntrico por natureza. Apreciador de vinho de arroz, não prestava atenção a coisas triviais e falava e agia muitas vezes fora dos limites da convenção normal. Mal se sentava em meditação e mal lia escrituras. Não tinha morada fixa, mas estendia-se a dormir onde quer que estivesse, considerando-se afortunado se conseguisse obter vinho suficiente para ficar alegre. Gostava de xadrez e pintura e vivia a vida como lhe apetecia. As pessoas não conseguiam decidir se tinha profundidades ocultas ou era apenas um homem superficial.

Embora Suiwō não quisesse viver no templo de Hakuin, quando o grande mestre estava na sua doença final, Suiwō regressou para cuidar dele. Após a morte de Hakuin, Suiwō herdou o templo, mas não fez nada. Sempre que as pessoas vinham estudar Zen, Suiwō dizia-lhes simplesmente que fossem ter com Tōrei. E apesar da sua recusa em falar sobre Zen, nunca havia menos de setenta ou oitenta buscadores à sua volta.

Agora Daikyū e Reigen, mestres Zen que também tinham estudado com Hakuin, começaram a escrever cartas a Suiwō instando-o a trabalhar. Apesar dos seus esforços, Suiwō permaneceu serenamente imóvel.

Sete anos após a morte de Hakuin, Daikyū, Reigen e Tōrei convergiram finalmente em Suiwō e insistiram que ele fosse o mestre de cerimónias do tradicional serviço memorial de sete anos a realizar para Hakuin pelos seus discípulos. Incapaz de recusar, Suiwō ergueu-se à altura da ocasião dando uma palestra sobre as Cinco Casas do Zen a uma assembleia de mais de duzentos.

Suiwō tinha cerca de cinquenta e oito anos nessa altura. Agora as fileiras dos seus seguidores cresceram para mais de cem. Viviam em alojamentos individuais por toda a área, e não havia tempo suficiente para Suiwō se encontrar com todos quando vinham vê-lo.

Suiwō foi também convidado a falar noutros lugares, atraindo audiências de trezentos a quinhentos. Nos anos posteriores atraiu até sete e oitocentas pessoas às suas palestras sobre os clássicos Zen.

Suiwō costumava dizer às pessoas: «Um antigo disse que é preferível estar demasiado relaxado do que demasiado intenso. Não concordo; é melhor estar demasiado intenso do que demasiado relaxado.» Acrescentava: «Não sejais fracos e dependentes. Alguém que continua a buscar a verdade sem descanso pode penetrar numa ou duas noites.»

Suiwō também dizia: «Em toda a parte são ordeiros e regulares, com uma postura cerimoniosa modelo de dignidade. Aqui temos olhos de elefante e narizes de macaco, sem pêlos nas canelas. De que serve aos mundanos ganhar a vida recitando escrituras?»

Falando da escola do seu antigo mestre Hakuin, Suiwō disse: «O único dos seus seguidores que arrebatou todos os bens espirituais da casa de Hakuin foi Tōrei. O único que penetrou profundamente na fonte do seu ensino foi Daikyū.»

Suiwō também disse: «Mesmo os monges Zen que viajavam livremente por toda a terra sem inibição ficavam sem saber o que fazer quando encontravam Hakuin. Porquê? Porque ‘espinhos chegavam ao céu, arame farpado cobria o chão’, de modo que não podiam nem avançar nem recuar. Por isso tiravam-lhes as bandeiras e os tambores, desarmavam-se e rendiam-se. Nenhuma das outras congregações Zen tem estes espinhos; é por isso que os monges passam por elas sem tropeçar, e elas não conseguem fazer tropeçar ninguém. Suponho que isso é adequado.»

Quando Suiwō estava no leito de morte, os seus atendentes pediram-lhe um verso de despedida. Suiwō repreendeu-os. Quando repetiram o pedido, pegou num pincel e escreveu:

Enganei Buddhas e mestres Zen durante setenta e três anos. Quanto à declaração final, O quê? O quê? Kaaa!

Fechando os olhos, faleceu.

O Mestre do Detalhe Sutil

Tōrei estudou primeiro Zen com o mestre Kogetsu. Mais tarde passou por um severo aprendizado com Hakuin.

Bem preparado pelo trabalho com Kogetsu, Tōrei atingiu rapidamente o despertar sob a tutela de Hakuin. Em poucos anos, aprendera toda a doutrina interior de Hakuin.

Infelizmente, o esforço excessivo de Tōrei destruiu-lhe o corpo, e caiu gravemente doente. Não encontrando qualquer tratamento médico que valesse, Tōrei pensou consigo: «Embora tenha descoberto tudo sobre a fonte e os métodos do Zen, de que servirá se morrer subitamente?»

Assim escreveu um livro intitulado *A Lâmpada Inextinguível do Zen*. Mostrando-o a Hakuin, disse: «Se houver algo de valor neste livro, gostaria de o transmitir às gerações futuras. Se for um monte de disparates, atiro-o já para o fogo.»

Hakuin olhou para ele e disse: «Isto será remédio para abrir os olhos das gerações vindouras.»

Depois Tōrei deixou Hakuin e foi para Quioto, onde viveu em silêncio, cuidando da doença, resignado a aceitar o que o destino lhe reservasse, morte ou vida.

Um dia, enquanto estava num estado sem mente, Tōrei viu subitamente através da experiência de toda a vida de Hakuin. A partir desse momento recuperou espontaneamente.

Tomado de alegria, Tōrei escreveu uma carta a Hakuin contando-lhe o que acontecera. O grande mestre chamou Tōrei de volta e fez dele o seu sucessor Zen.

Após a recuperação de Tōrei, ele e Hakuin colaboraram para estabelecer um currículo para uma escola Zen. A maior parte do trabalho nos exames detalhados do currículo foi evidentemente feita por Tōrei. No final da vida de Hakuin, quando a sua energia finalmente enfraqueceu, Tōrei trabalhou arduamente para estimular e encorajar os discípulos. Muitos dos últimos discípulos de Hakuin eram crus na sua realização; os destacados foram aqueles cujo afinamento fino foi completado por Tōrei.

Budaidade nesta Vida

Certa vez, o mestre Zen Tōrei dava uma palestra sobre o Ensino em Saga, nos arredores montanhosos de Quioto. Era pleno inverno, e o tempo estava tão frio que toda a audiência parecia intensamente desconfortável.

Tōrei bradou: «Aqueles de vós que se deixam intimidar pelo frio devem regressar imediatamente à vida mundana! Como podeis aprender Zen? Porque não o procurais nos vossos próprios corações? Os peixes estão no meio da água, mas não sabem que a água está lá; as pessoas estão no meio da sublime verdade, mas não conhecem a verdade.»

Na audiência nessa altura estava um seguidor inicial do movimento Estudos da Mente, um homem chamado Nakazawa Dōni, que mais tarde estabeleceria os Estudos da Mente no leste do Japão. Ao ouvir estas palavras do mestre Zen Tōrei, atingiu subitamente a iluminação. «Expor o Ensino significa não colocar a mente no exterior», explicou mais tarde, acrescentando: «É isto que querem dizer com atingir a Budaidade neste próprio corpo.»

Reconhecimento Prematuro

Ryōzai estudou primeiro Zen com Kogetsu. Mais tarde seguiu Hakuin, sob cuja tutela atingiu o despertar.

Quando Ryōzai chegou a Hakuin, o grande mestre viu imediatamente que tinha uma capacidade invulgar. Ryōzai passou vários anos com Hakuin, recebendo eventualmente o seu reconhecimento como mestre Zen. Assim Ryōzai tornou-se o primeiro de muitos mestres a ser formado pelo grande mestre Zen Hakuin.

Mais tarde, porém, Hakuin dizia às pessoas: «Dei a Ryōzai o selo de aprovação demasiado cedo. Por causa disso, agora não consegue dominar as coisas. Se tivesse esperado mais três anos antes de lhe dar permissão para ensinar, ninguém no mundo poderia criticá-lo.»

Alguém perguntou a Hakuin porque dera a Ryōzai aprovação tão cedo. O grande mestre disse, com profundo pesar: «Naquela altura, só estava consciente de como é difícil encontrar um indivíduo assim. Não percebi que era demasiado cedo.»

A Grande Obra

Gasan partiu em viagem quando tinha apenas dezasseis anos. Entrando num claustro Zen, em noventa dias de trabalho intenso atingiu alguma perceção. Depois disso, passou de mestre em mestre, estudando com mais de

trinta mestres Zen. Nenhum deles conseguiu fazer nada por ele, pelo que regressou ao seu mestre original, Gessen.

Gessen reconheceu o domínio do jovem Gasan e sugeriu-lhe que abandonasse as andanças. Nessa altura, o próprio Gasan também acreditava que dominara o Zen.

Sucedeu que Gasan passara várias vezes pela escola do mestre Zen Hakuin, mas não tinha desejo de conhecer o famoso mestre.

Um dia, porém, refletiu: «Dos muitos mestres que vi por todo o país, nenhum conseguiu apontar-me nada. Hakuin é o único cujos métodos desconheço.»

Este pensamento inspirou em Gasan o desejo de conhecer Hakuin. Contou a Gessen a sua intenção. Gessen disse: «Porque havias necessariamente de conhecer Hakuin?» Gasan pensou novamente que ele tinha razão e ficou onde estava.

Passou mais um ano, quando Gasan ouviu por acaso que Hakuin fora convidado a dar palestras sobre o clássico *O Registo do Penhasco Azul* em Edo, a capital. Agora pensou: «Enquanto não vir esse velho mestre, não sou realmente um grande homem.»

Embora Gessen tentasse detê-lo novamente, agora Gasan estava determinado a ir. Viajou diretamente para Edo para conhecer o grande mestre Hakuin.

Quando Gasan apresentou a sua compreensão, Hakuin bradou: «Que charlatão vieste para me encher com tanto mau hálito?» E atirou Gasan para fora.

Mas Gasan não desistiu. Após ser expulso três vezes, ainda pensava que estava realmente iluminado e que Hakuin estava apenas a tentar quebrá-lo de propósito.

Então, numa noite, quando a série de palestras estava prestes a terminar, Gasan refletiu: «É de facto verdade que Hakuin é o maior mestre do país. Porque rejeitaria pessoas arbitrariamente? Deve ter razão.»

Agora Gasan foi pedir desculpa a Hakuin por ser rude e pediu-lhe instrução. Hakuin disse: «És imaturo. Passarás toda a vida a carregar uma barriga de pele de Zen. Mesmo que consigas falar com fluência, isso não te dará poder quando chegares à margem da vida e da morte. Se queres tornar a tua vida quotidiana intensamente satisfatória, tens de ouvir o som de uma só mão a bater palmas.»

Mais tarde Gasan disse aos seus próprios discípulos: «Passei quase vinte anos a viajar por todo o país, estudando com mais de trinta mestres. Era tão

aguçado que nenhum deles conseguia lidar comigo. Finalmente encontrei o velho Hakuin e fui expulso três vezes, descobrindo que o meu habitual poder era inútil neste ponto. Então tornei-me um seguidor sincero.

Nessa altura, quem no mundo poderia ter-me atingido senão Hakuin? Não valorizo a grandeza da sua virtude nem a amplitude da sua fama. Não valorizo a transcendência da sua perceção nem a sua visão clara e exaustiva dos complexos koans dos antigos. Não valorizo as suas explicações fluentes nem as suas exposições destemidas. Não valorizo o número dos seus seguidores. Só valorizo o facto de que, enquanto todos os outros mestres Zen do país nada podiam fazer comigo, por meio das suas medidas severas Hakuin conseguiu levar-me a um impasse, permitindo-me finalmente completar a Grande Obra.

Obviamente, este trabalho não é nada fácil. Segui Hakuin apenas durante quatro anos, quando ele já era tão velho que por vezes estava demasiado cansado para entrevistas. Como resultado, recorri ao mestre Tōrei e aprendi com ele os ensinamentos mais elevados. Se Tōrei não tivesse estado lá, nunca teria conseguido resolver os últimos detalhes.»

Medidas Severas

Izu estudou Zen com Hakuin durante muito tempo. Como mestre por direito próprio, Izu herdou o modo severo do temível mestre Hakuin, mas foi ainda mais rigoroso. Sempre que recebia pessoas a perguntar sobre Zen, colocava uma espada nua ao lado do seu assento. Se hesitassem ou discutissem, expulsava-os com a espada.

Aprender a Aprender Teishū era invulgarmente aguçado por natureza, e a sua erudição abrangia tanto os clássicos religiosos como os seculares. A única coisa que não conseguia compreender era o princípio do *I Ching*, o antigo *Livro das Mutações*.

Desejando completar a sua aprendizagem, Teishū partiu para a capital Edo para questionar os eruditos confucionistas mais velhos sobre o *Livro das Mutações*. Pelo caminho, passou pelo templo do mestre Zen Hakuin. Como Hakuin era conhecido como um dos maiores mestres do país, Teishū decidiu alojar-se ali e vê-lo.

Quando se encontraram, Hakuin perguntou: «Para onde vais?» Teishū disse: «Para Edo.» Hakuin perguntou: «Para quê?» Teishū disse: «Não compreendo o princípio do *Livro das Mutações*, por isso quero ouvir as palestras dos eruditos mais velhos na capital.»

Hakuin disse: «O *Livro das Mutações* dificilmente pode ser compreendido sem o poder de ver a essência da mente. Porque não ficas aqui algum tempo e

tentas ver a tua essência? Se perceberes a essência da mente, explico-te o *Livro das Mutações*.»

Teishū respondeu: «Farei exatamente como dizes.» E ficou ali com Hakuin para um trabalho intensivo. Quando o tempo amadureceu, esqueceu as dúvidas e despertou de facto.

Um Erro

Chōdō estudou Zen com o mestre Kogetsu e realizou o estado do Nada.

Nessa altura, a escola do mestre Zen Hakuin estava florescente, e buscadores de todo o país acorriam ao grande mestre.

Chōdō quis ir ter com Hakuin para um debate Zen, mas Kogetsu aconselhou-o a não ir. Chōdō não ouviu, pelo que Kogetsu disse: «Se insistes, deixa-me escrever-te uma carta de apresentação.»

Assim Chōdō dirigiu-se ao lugar de Hakuin, levando uma carta de apresentação de Kogetsu.

Chōdō chegou ao templo onde Hakuin vivia precisamente quando o grande mestre estava a tomar banho. Entrando de rompante, Chōdō apresentou a sua compreensão. Hakuin disse: «Se és assim, não vieste aqui em vão. Mas vai descansar por agora.»

Agora Chōdō pensou que Hakuin também o aprovava.

Quando Hakuin finalmente saiu do banho, Chōdō foi encontrar-se formalmente com ele, apresentando a carta de apresentação de Kogetsu.

Abrindo a carta do mestre de Chōdō, Hakuin encontrou apenas estas palavras: «Este jovem não está isento de alguma perceção, mas é um homem de pequena medida. Por favor, trata-o com meios hábeis.» Hakuin bradou imediatamente a Chōdō: «Tens pequena capacidade e potencial inferior. De que serve considerar isto a conclusão da Grande Obra?»

Tendo a sua visão arrebatada, Chōdō enlouqueceu imediatamente e nunca recuperou. Regressou à sua terra natal e construiu uma pequena sala de meditação, onde praticava a disciplina Zen sozinho.

Nos mosteiros Zen é tradicional observar uma sessão especial de meditação intensiva na primeira semana do último mês do ano, em comemoração da iluminação do Buda. Chōdō costumava trazer monges crianças e gatos para a sua sala de meditação nessas ocasiões e obrigava-os a sentar. Quando os gatos fugiam, Chōdō apanhava-os e batia-lhes por quebrarem as regras.

Hakuin costumava lamentar: «Ensinei muitas pessoas, mas só errei em dois casos, o de Chōdō e outro.»

Falar e Ouvir

Gettan costumava dizer aos seus companheiros: «Quando tens uma boca que fala, não tens ouvidos que ouvem. Quando tens ouvidos que ouvem, não tens boca que fala. Pensai nisto com cuidado.»

A Décima Primeira Hora

Chōsha costumava vir participar na sessão anual especial de meditação intensiva com o mestre Zen Hakuin todos os anos, e nunca atingia nada.

Finalmente, num ano, Hakuin disse-lhe no final da sessão: «Vens aqui todos os anos, como um pato que mergulha na água quando está frio. Fazes uma longa viagem em vão, sem ganhar meio bit de poder. Não consigo imaginar quantas sandálias de palha gastaste ao longo dos anos nesta viagem. Não tenho utilidade para preguiçosos como tu aqui, por isso não venhas mais!»

Profundamente abalado, Chōsha pensou consigo: «Não sou eu um homem? Se não penetrar na realização desta vez, nunca regressarei vivo a casa. Concentrar-me-ei na meditação até morrer.»

Fixando um limite de sete dias, Chōsha foi sentar-se numa barraca de redes de pesca à beira-mar.

Mas mesmo após sete dias de meditação sentada sem comer nem dormir, Chōsha continuava perdido. Nada lhe restava senão afogar-se no oceano.

Tirando os sapatos à maneira tradicional de um rito de suicídio, Chōsha ficou de pé nas ondas. Nesse momento, vendo o oceano cintilante e o sol nascente fundirem-se numa radiância carmesim, de repente ficou completamente vazio e grandemente despertado.

O Manto de Pedra

Ninguém sabe o verdadeiro nome do mestre Zen a quem chamavam o Monge do Manto de Pedra. Vivia sozinho nas imediações do templo de Hakuin e costumava visitar o grande mestre de tempos a tempos.

Indivíduo solitário, o mestre era tão pobre que nem sequer possuía um manto. Nas noites muito frias, costumava andar à volta da sua cabana

carregando uma pedra até aquecer. Assim, as pessoas locais começaram a chamá-lo Monge do Manto de Pedra.

Mais tarde desapareceu. Ninguém sabe onde morreu, mas a pedra que costumava carregar ainda se encontra à frente da cabana.

Algo a Partir do Nada Certa vez, numa viagem, o mestre Zen Zenkō viu por acaso um templo em ruínas que pensou dever ser restaurado.

Completamente desprovido de recursos materiais próprios, Zenkō escreveu um grande cartaz dizendo: «Neste mês, no dia tal, o peregrino mestre Zen Zenkō realizará uma auto-cremação. Que venham assistir aqueles que quiserem doar dinheiro para a lenha.»

Zenkō afixou este cartaz aqui e ali. Em breve, as pessoas locais ficaram alvoroçadas, e as doações começaram a chegar em abundância.

No dia marcado, o templo encheu-se de gente à espera de ver acender-se o fogo. Zenkō sentou-se na pilha de lenha, preparando-se para se imolar. Chamou para que o combustível fosse incendiado ao seu sinal.

Zenkō entrou então em meditação silenciosa. Passou muito tempo. De repente, olhou para o céu e acenou com a cabeça. Depois dirigiu-se à multidão, dizendo: «Escutai, escutai! Há vozes nas nuvens! Justamente quando estava prestes a entrar na extinção, todos os santos disseram: 'Ainda é demasiado cedo para pensares em deixar o mundo impuro! Suporta este mundo por algum tempo e fica aqui para salvar os seres vivos.' Por isso não posso prosseguir com a cremação hoje.»

Em seguida, pegou no dinheiro que fora doado e conseguiu restaurar o templo abandonado com ele.

Budismo e o Mundo Quando Satsume tinha dezasseis anos, pensou consigo: «Embora não seja muito bela, felizmente o meu corpo está são. Sem dúvida que em breve serei casada; espero conseguir um homem bonito.»

Começou então a visitar certo santuário para rezar, e também começou a recitar uma escritura especial dia e noite. Mesmo enquanto costurava e lavava, as palavras da escritura estavam constantemente nos seus lábios.

Após vários dias de recitação contínua, Satsume experimentou subitamente um despertar de visão penetrante.

Numa ocasião, o pai olhou para o quarto dela e viu-a sentada majestosamente em cima de uma cópia de uma escritura budista. Alarmado, pensando que ela poderia ter enlouquecido, repreendeu-a suavemente: «Que significa sentares-te em cima de uma escritura preciosa? Certamente serás castigada pela Verdade.»

Satsume respondeu: «Como é que a maravilhosa escritura é diferente do meu traseiro?»

O pai achou isto ainda mais estranho e foi contar ao mestre Zen Hakuin.

Hakuin disse: «Tenho um método que ajudará.» Escreveu um curto poema, entregou-lho e disse: «Afixa isto na parede da tua casa, onde ela certamente o verá.»

O poema dizia:

Ao ouvir o chamado de um corvo silencioso na escuridão da noite, sente-se falta do pai antes de nascer.

O homem levou o verso e fez como Hakuin dissera. Quando Satsume o viu, disse: «Esta é a caligrafia do mestre Hakuin. Até Hakuin só compreende isto!»

O pai achou isto estranho também e contou-o a Hakuin.

Hakuin disse: «Traz Satsume contigo. Vou testá-la.»

Assim, Satsume e o pai foram ambos visitar Hakuin. O mestre Zen interrogou-a de perto, e Satsume respondeu com fluência. Hakuin apresentou-lhe então alguns koans.

Satsume começou a pensar neles, mas Hakuin disse: «Vai concentrar a tua mente neles.»

Ao longo de vários dias, Satsume passou por vários níveis de koans. Hakuin acabou por lhe ensinar aquilo que vai além, mas Satsume resistiu e não o aceitou. O mestre Zen expulsou-a então.

Satsume foi expulsa várias vezes desta forma. Ao fim de meio ano, tinha visto através daquilo que vai além e estudara exaustivamente as histórias mais intricadas e desconcertantes dos antigos. Era agora uma mestre Zen, embora ainda adolescente.

Nesta altura, o pai de Satsume começou a procurar-lhe um marido adequado. Ao princípio ela recusou e não queria casar, mas Hakuin chamou-a e disse: «Já viste através da realidade iluminada, então porque rejeitarias a realidade mundana? Além disso, o casamento é um dever importante para homens e mulheres. Seria melhor seguires o teu pai.» Assim, Satsume casou-se.

Após a morte de Satsume, o sucessor de Hakuin, Suiwō, disse aos seus próprios discípulos: «Quando o nosso antigo mestre estava vivo, havia muitas leigas com uma perceção perfeitamente clara. Entre elas havia aquelas como a Velha Senhora Satsu que estavam mesmo para além do alcance de monges Zen experientes.»

Quando Satsume estava nos seus últimos anos, sofreu uma dor excepcionalmente profunda pela perda de uma neta. O velho que vivia ao lado repreendeu-a: «Porque choras tão amargamente? Se as pessoas ouvirem, vão perguntar como podes continuar a agir assim mesmo depois de teres estudado com o mestre Zen Hakuin e atingido a perceção da essência. Por favor, modera-te um pouco.»

Satsume olhou-o fixamente e retrucou: «Que sabes tu, careca? O meu choro e lamento são melhores para a minha neta do que incenso, flores e lâmpadas.»

A Terra Pura Puramente Mental

Certa vez, uma mulher cujo nome ninguém conhece assistiu a uma palestra de Hakuin. Na sua fala, o mestre Zen disse: «A Terra Pura puramente mental, o Buda no próprio ser: uma vez que o Buda aparece, tudo no mundo irradia grande luz. Se as pessoas querem perceber isto, basta voltarem-se para o próprio coração e procurarem com mente única.

Como é uma Terra Pura puramente mental, como está disposta a Terra Pura? Como é o Buda no próprio ser, que características e refinamentos tem o Buda?»

Ao ouvir isto, a mulher pensou: «Isso não é muito difícil.» Regressando a casa, começou a refletir sobre isto dia e noite, trazendo-o à mente quer acordada quer a dormir. Então, um dia, enquanto lavava uma panela, rompeu subitamente.

Largando a panela, foi ver Hakuin. Disse: «Encontrei o Buda no meu próprio corpo. Tudo irradia luz. Maravilhoso! Maravilhoso!» Estava tão feliz que dançava de alegria.

Hakuin disse: «É o que dizes, mas e uma fossa séptica? Irradia luz também?»

A mulher avançou e deu uma bofetada a Hakuin. «Este velho ainda não terminou», disse ela.

Hakuin riu-se às gargalhadas.

A Aurora da Verdade

Genrō viajou por todo o Japão a visitar mestres Zen desde os dezanove anos. Eventualmente pensou consigo: «Os mestres em toda a parte são iguais, dando orientações ao acaso. São pouco confiáveis. Se permanecer numa comunidade, perderei muito tempo com coisas triviais. Seria melhor viver sozinho num lugar deserto para meditar com mente única.»

Numa tarde, enquanto observava o pôr do sol, Genrō suspirou consigo: «Já passei cinco anos a trabalhar no Zen dia e noite. Se continuar os dias assim, quando passarei completamente?»

Genrō sentou-se então numa rocha e mergulhou numa concentração intensa. Sem dar por isso, ali ficou sentado toda a noite. Sem perceber o romper da aurora, Genrō ouviu subitamente o sino de um templo distante. Nesse momento a sua mente abriu-se e atingiu a grande iluminação.

Com vinte e quatro anos na altura, Genrō compôs um verso improvisado nesta feliz ocasião:

Ao amanhecer, em resposta ao sino do templo, o universo abre-se; O orbe do sol, brilhante, vem do Grande Leste. Que princípio é este, não sei; Sem dar por isso, as minhas bochechas enchem-se de rajadas de riso.

Que Tipo de Guerreiro

Seisetsu era extraordinário mesmo em criança. Deixou casa e tornou-se monge ainda menino.

Certa vez, o barão da província veio visitar o mestre do templo a caminho da capital. Depois de conversarem um pouco, o mestre chamou o pequeno Seisetsu e mandou-o bater nas costas do barão para lhe aliviar a fadiga da viagem. O barão prometeu ao menino que lhe traria um manto religioso no regresso da capital no ano seguinte.

Quando a estadia do barão na capital terminou, passou novamente para ver o mestre Zen no caminho de volta à sua fortaleza. O mestre mandou Seisetsu bater nas costas do barão desta vez também, e o menino perguntou pelo manto.

«Esqueci-me completamente», disse o barão.

«Que tipo de samurai é este», exclamou o menino, «que diz uma coisa e faz outra?» Depois deu uma pancada na cabeça do barão e saiu.

O barão ficou profundamente impressionado com a capacidade invulgar do menino e disse ao mestre Zen para cuidar bem dele.

Mais tarde, Seisetsu estudou com Gessen e Gasan, e tornou-se um dos mestres Zen mais temíveis do país.

Certa vez, quando Seisetsu cuidava da reconstrução de parte do mosteiro onde ensinava, certo mercador rico veio com cem onças de ouro, dizendo que queria doar para o projeto de reconstrução. Seisetsu aceitou sem dizer uma palavra.

No dia seguinte, o mercador voltou para visitar o mestre Zen. Comentou: «Embora o que dei não fosse uma quantia tão grande, foi uma doação extremamente custosa para mim. Apesar disso, não disseste uma palavra de agradecimento. Porque foi assim?»

Seisetsu bradou: «Estou a plantar o teu campo de bênçãos; porque haveria de te agradecer?»

O mercador ficou muito envergonhado. Pediu desculpa e agradeceu ao mestre Zen.

Rosto de Ferro

Buttsū e Genrō eram conhecidos em todo o Japão como dois dos mestres Zen mais ferozes do país. Eram tão ferozes na forma como lidavam com os buscadores que eram chamados Genrō, o Lobo, e Buttsū, o Tigre.

Ninguém sabe de onde veio Buttsū nem qual era o seu nome original. Alguns dizem que era originalmente um guerreiro do leste do Japão. Estudou Zen durante muito tempo e finalmente completou a Grande Obra. No seu verso de despertar, escreveu:

Este assunto esteve na minha mente durante dezoito anos; quantas vezes alcancei poder e ainda assim não conseguia dormir em paz? Um chamado, uma resposta, e a clareza está completa: vomitei o estômago cheio de Zen que aprendera antes.

Buttsū tinha um rosto de ferro, severo e frio. Treinava os alunos Zen com métodos duros, não permitindo que sentimentos humanos entrassem no processo de todo. Muitos buscadores que vinham ter com ele não suportavam isto e partiam.

No meio da noite da sua morte, Buttsū olhou à volta e disse: «Vou agora?» Depois faleceu sentado em meditação, como se tivesse adormecido.

Penetrar o Zen

Quando Inzan tinha nove anos, certo mestre Zen viu-o e imediatamente percebeu que não era comum. O mestre Zen foi a casa do menino e convenceu os pais a deixarem-no tornar-se monge.

Os pais convenceram-se facilmente. «Ele nunca foi deste mundo», disseram, ao darem permissão para o menino deixar casa e entrar numa ordem budista Zen.

Quando Inzan tinha dezasseis anos, deixou o seu templo para procurar um mestre que o guiasse à iluminação última e à libertação. Primeiro seguiu Bankoku, que ensinava o método único do falecido grande mestre Bankei a uma grande congregação de seguidores. Três anos depois foi ter com Gessen, conhecido pelo modo severo da sua forma de ensinar.

Quando Inzan chegou ao lugar de Gessen, o gerente do templo informou-o de que não havia lugar para mais alunos. O gerente sugeriu que Inzan ainda era bastante jovem e teria tempo para a prática Zen intensiva mais tarde, e que talvez fosse melhor ir para outro lugar prosseguir estudos académicos entretanto.

Mas Inzan estava determinado a estudar Zen com o mestre Gessen. Implorou durante sete dias, chorando tanto que acabou por derramar lágrimas de sangue. Vendo a sinceridade e determinação de Inzan, o gerente contou a Gessen, que consentiu em ver o jovem peregrino.

O mestre Zen Gessen perguntou a Inzan: «Insistes em ficar aqui. O que queres fazer?»

Inzan respondeu: «Estou aqui apenas porque a questão da vida e da morte é importante, e a impermanência é rápida.»

Gessen retrucou: «Aqui neste lugar não há grande coisa para a vida nem grande coisa para a morte. Como poderia parecer que a vida passa rapidamente e a morte chega depressa?»

Inzan disse: «É precisamente esta liberdade da vida e da morte que tenho estado a questionar. Por favor, tem piedade de mim.»

Gessen disse: «És jovem, uma mera criança. Se realmente queres praticar Zen, podes avançar.»

Assim, Inzan juntou-se à congregação, estudando dia e noite sem abrandar.

Dois anos depois, aos vinte e um anos, Inzan participou na sua primeira sessão coletiva de meditação intensiva. Sentiu que tinha realizado algo e foi contar a Gessen.

O mestre viu que algo era diferente em Inzan e colocou-lhe uma pergunta: «Não pergunto sobre o falado nem o não falado; tenta dizer-me a resposta.»

Inzan tentou dizer algo. Gessen comentou: «Afinal caíste na consciência intelectual», e mandou-o embora.

Inzan regressou ao salão de meditação atordoado e não fez mais nada senão fungar e chorar dia e noite. Todos se riam dele e chamavam-lhe louco.

Então, numa noite, no meio de um transe contemplativo, Inzan viu subitamente através do significado de «não há grande coisa para a vida e não há grande coisa para a morte». Foi contar a Gessen, que comentou: «Tens razão, mas nota que isto é apenas um desvio temporário. Não penses que isto basta. Se continuares a progredir e não desistires, um dia terás a tua própria vida.»

Na primavera do seu vigésimo sexto ano, Inzan deixou Gessen e partiu em viagem com alguns companheiros para visitar os distintos mestres Zen anciãos de Quioto e do oeste do Japão.

Inzan encontrou-se com os mestres anciãos e interrogou-os para se certificar da sua própria compreensão do Zen. Todos os mestres o admiraram e trataram-no com bondade. Ninguém o instigou mais, pelo que Inzan chegou a pensar que não havia mais mestres iluminados em todo o país.

Inzan deixou então a região. Chegando ao centro do Japão, foi ver um mestre Zen que ali vivia. Esse mestre nomeou Inzan abade de um templo local.

Ora, este templo não tinha patronos, nem campos nem jardins. Vivendo contente na mais absoluta pobreza, Inzan ali permaneceu sentado durante mais de dez anos.

Um dia, porém, um monge viajante passou pelo templo com notícias do mestre Zen Gasan, distinto graduado da escola de Hakuin, dito possuir o olho da sabedoria mais elevado do país.

Inzan fez a mala nesse mesmo dia e foi para Edo, onde Gasan dava palestras sobre *O Registo do Penhasco Azul* a uma audiência de mais de seiscentos ouvintes.

Quando Inzan chegou, entrou diretamente para ver Gasan. O grande mestre estendeu a mão e perguntou: «Porque é que isto se chama mão?» Antes de Inzan poder responder, Gasan estendeu agora um pé e disse: «Porque é que isto se chama pé?» Enquanto Inzan tentava fazer algum comentário, o grande mestre Gasan bateu palmas e riu-se às gargalhadas.

Atónito, Inzan retirou-se.

No dia seguinte, Inzan foi ver Gasan novamente. O grande mestre disse-lhe: «As pessoas que praticam Zen hoje passam pelos koans impenetráveis

dos antigos com leviandade, sem nunca terem feito trabalho real. Versificam os koans, citam-nos, acrescentam frases de coroamento ou dão respostas, todos eles a falar sem parar, a falar ao acaso.

Por esta razão, muitos deles perdem o espírito do Caminho depois de se tornarem abades. Mesmo que não se metam em problemas, nenhum deles pode realmente ser mestre. É verdadeiramente lamentável.

Se realmente queres praticar Zen, então abandona tudo o que estudaste e realizaste até agora e busca a iluminação com mente única.»

Gasan disse então a Inzan que contemplasse um koan avançado relacionado com o seu problema preciso.

Inzan retirou-se para um santuário local para meditar, saindo apenas para a papa e o arroz ao amanhecer e ao meio-dia. Após vários dias assim, numa certa manhã compreendeu subitamente o significado do koan.

Apressando-se de volta a Gasan, apresentou a sua compreensão. O grande mestre ficou encantado. Encontrando-se com Gasan todos os dias depois disso, Inzan fez um estudo exaustivo das histórias mais desconcertantes e atingiu os segredos interiores do Zen. Tinha então trinta e nove anos.

Mais tarde Inzan tornou-se um grande mestre Zen por direito próprio, com a sua fama a ressoar por todo o país. Teve numerosos discípulos distintos e deixou um rico legado espiritual. Após a sua morte aos sessenta e quatro anos, a corte imperial concedeu-lhe o título honorífico de Mestre Zen, Lâmpada da Verdade, Luz da Nação.

Contentamento

Kansan deixou casa aos nove anos. Tinha uma mente brilhante e estudou tanto os clássicos budistas como os confucionistas. Inspirado por um dos livros que leu, durante algum tempo Kansan dedicou-se ao estudo e prática do budismo esotérico no oeste do Japão. Mais tarde foi para a capital Edo, onde percorreu o vasto cânone budista.

Após quase duas décadas destes estudos, Kansan foi finalmente ver um mestre Zen. Bem versado nas práticas budistas, Kansan dominou os ensinamentos Zen em dois anos de trabalho intensivo.

Subsequentemente, Kansan foi enviado para assumir a abadia de um templo no sul do Japão. Quando chegou, descobriu que beber e farrear eram tão comuns na região que o próprio templo estava habituado a fornecer vinho aos visitantes, como se fosse um salão.

No dia em que Kansan assumiu formalmente a abadia do templo, destruiu todos os jarros de vinho, cinzeiros e mesas de serviço. Depois disso, os hóspedes eram tratados com uma única chávena de chá simples.

Três anos depois, Kansan retirou-se. Desapareceu nas montanhas, colocando um letreiro por cima da porta da sua cabana que dizia simplesmente: «Contentamento».

O Som de Uma Só Mão a Bater Palmas

Quando Taigen era jovem, ouviu dizer que o grande mestre Zen Inzan não era apenas um budista iluminado, mas também um erudito consumado da história chinesa antiga. Viajando diretamente para a morada do mestre Zen no centro provincial do Japão, Taigen pediu permissão para estudar Zen com ele e também para ouvi-lo dar palestras sobre um clássico histórico.

Inzan disse a Taigen: «Se conseguires ouvir o som de uma só mão a bater palmas, só então te darei palestras sobre história.»

Agora Taigen ficou realmente entusiasmado. Mergulhou numa meditação profunda para resolver o mistério de uma só mão a bater palmas. Para ajudar a concentração, por vezes sentava-se numa tina funda, outras vezes subia à montanha atrás da sua cabana para se sentar numa rocha. Por vezes ficava sentado até ao amanhecer, sem sequer perceber que a noite inteira passara.

Nessa altura, Taigen estava hospedado num eremitério a várias milhas do lugar de Inzan. Ainda assim, todos os dias ia buscar orientação, mesmo quando a estrada estava coberta por vários pés de neve. Em numerosas ocasiões, com neve muito profunda, caiu no caminho, vencido pelo frio, e teve de ser resgatado pelos aldeões.

Mais tarde Inzan mudou-se para outro templo, e Taigen seguiu-o para continuar o seu aprendizado. Numa noite, após muitos mais severos testes pelas mãos do mestre, Taigen finalmente experimentou a grande iluminação.

Amante da Natureza

Era uma vez um barão que era extremamente afeiçoado aos crisântemos. Mandou plantar todo o jardim traseiro da sua mansão com eles e dedicava muito tempo e esforço ao seu cultivo. De facto, o barão prestava mais atenção ao cuidado dos seus crisântemos do que à sua esposa e concubinas. Muitos dos seus vassalos foram punidos por inadvertidamente quebrarem uma flor. Em resumo, a paixão do barão pelos crisântemos tornava a vida miserável para todos à sua volta.

Numa ocasião, quando certo vassalo partiu acidentalmente uma flor, foi ordenado para confinamento pelo barão furioso. Enfurecido com este tratamento, o vassalo resolveu abrir a barriga em protesto, segundo o código tradicional do guerreiro.

Sucedeu que o mestre Zen Sengai ouviu falar disto e apressou-se a intervir, impedindo o vassalo de cometer suicídio por tal motivo.

Não satisfeito com uma medida temporária, Sengai resolveu efetuar uma solução permanente. Numa noite chuvosa, quando os crisântemos estavam em plena floração, Sengai esgueirou-se para o jardim do barão com uma foice e cortou todos os crisântemos.

Ao ouvir um som estranho no jardim, o barão olhou para fora e viu alguém ali. Precipitando-se para fora com a espada em grande alarme, exigiu saber o que Sengai estava a fazer.

O mestre Zen respondeu calmamente: «Até ervas daninhas como estas acabam por se tornar rastejantes se não forem cortadas.»

Agora o barão percebeu quão errado estivera. Foi como acordar de um sonho. A partir dessa altura, nunca mais cultivou crisântemos.

Um Inocente Yamamoto Yasuo era um erudito de literatura japonesa antiga e especialista em poesia nativa. Lamentando o declínio do culto imperial, escreveu um livro chamado *A Realidade dos Deuses* e suicidou-se em protesto.

Homem rico de posição social, Yamamoto deixou cinco filhos ao morrer, quatro rapazes e uma rapariga. O seu filho mais velho, um jovem livre de espírito, não desejava herdar a fortuna da família. Abandonando tudo, deixou casa para estudar Zen, mudando o seu nome para Grande Tolo.

Aos vinte e dois anos, o jovem mendicante partiu em viagem para procurar um mestre. Encontrando um mestre Zen que pudesse guiá-lo, dominou o ensino em poucos anos de trabalho intensivo.

Depois voltou a viajar, visitando mestres Zen por todo o país em busca de maior iluminação. Passaram-se mais de vinte anos antes de regressar à sua província natal, onde construiu uma cabana. Era tão pobre que usava um manto de remendos, vivia de papa e não tinha utensílios além de uma única tigela, que usava para tudo, desde moer pasta de feijão e cozer papa até lavar as mãos e os pés.

Este mestre Zen adorava brincar com crianças. Onde quer que fosse, reunia um grupo para jogar à bola ou ao esconde-esconde. Certa vez, quando o mestre estava a jogar ao esconde-esconde, as crianças foram para casa, deixando-o onde estava. Ficou imóvel com os olhos fechados até ao anoitecer, quando alguém finalmente lhe perguntou o que estava a fazer. Respondeu que

estava a jogar ao esconde-esconde com as crianças e à espera que alguém viesse encontrá-lo. Nem sequer percebeu que lhe tinham pregado uma partida.

Certa vez alguém lhe perguntou porque gostava de brincar com crianças. O mestre disse: «Gosto da sua genuinidade, da sua falta de falsidade.» Como famoso calígrafo, era frequentemente abordado com pedidos de escrita, mas recusava quando não lhe parecia certo. Sempre que as crianças lhe pediam para escrever algo, porém, ele aceitava sempre de bom grado pegar no pincel.

O mestre costumava dizer às pessoas: «Há três coisas que muito desgosto: a poesia dos poetas, a escrita dos escritores e a cozinha dos cozinheiros.»

A Primeira Pedra

Certa vez o mestre Zen Dairyo foi convidado para um banquete em casa de um rico proprietário. Muitos outros monges budistas estavam também presentes.

Alguém na casa decidiu pregar uma partida aos monges. A todos foi servido carne de peixe, que monges e monjas budistas estão proibidos de comer.

Todos os monges no banquete abstiveram-se da carne de peixe, exceto o mestre Zen Dairyo, que comeu tudo, como se não soubesse o que era.

Um dos monges puxou discretamente a manga do mestre Zen e disse: «Isso é carne de peixe!»

Dairyo olhou o monge nos olhos e retrucou: «Então como sabes o que é carne de peixe?»

Realidade e Falsidade

Zōbō dedicou-se apenas a estudos literários antes de alguém o avisar que esse não era o caminho para a verdade última. Então foi ter com um mestre Zen e aprendeu a contemplar o vazio.

Demorou muito tempo para Zōbō atingir a realização. Eventualmente chegou ao ponto em que estava tão absorvido na concentração que se esquecia de comer e dormir.

Numa noite, enquanto estava sentado em silêncio, sem dar por isso Zōbō adormeceu de exaustão. Quando o seu mestre Zen o bateu para o acordar, de repente compreendeu a iluminação.

Zōbō tinha vinte e três anos na altura. O seu mestre era rigoroso e não reconhecia pessoas facilmente. Zōbō continuou o estudo intensivo durante mais de dez anos e finalmente completou a Grande Obra.

Como mestre por direito próprio, Zōbō era de mente única. Despreocupado com convenções sociais, dedicava-se unicamente a ensinar Zen. Lamentando a degeneração das escolas Zen, criticava duramente os mestres Zen imitadores e os seguidores Zen ignorantes.

Zōbō era também intransigente no seu ensino privado e não admitia compreensões superficiais. Muitos buscadores vinham à sua escola, mas muito poucos passavam.

Zōbō tinha pouco mais de sessenta anos quando faleceu em 1840. À beira da morte, escreveu um verso final:

Zōbō aos sessenta! Eis o meu verdadeiro estado: Onde oito nuvens se erguem, urino para o céu. É uma maravilha, e uma pena também, não ter matado todo o Zen imitador do mundo.

Após a morte de Zōbō, o imperador do Japão intitulou-o Mestre Zen, Espelho Espiritual que Brilha Só.

Respeito

Fūgai encontrou mais de dez mestres Zen, mas a sua própria mente era tão aguçada e livre que ninguém o igualava. Finalmente encontrou o temível Genrō, o Lobo, e atingiu a grande iluminação com uma única frase do grande mestre Zen. Após dominar os ensinamentos interiores, Fūgai deixou Genrō e desapareceu no anonimato para amadurecer o seu desenvolvimento espiritual.

Entre os sucessores de Fūgai estava Tanzan, um dos mestres mais destacados dos tempos modernos iniciais. Tanzan era também invulgarmente aguçado, e viu através de muitos dos pregadores Zen da época na sua juventude antes de conhecer o mestre Fūgai.

Ao contrário do seu mestre Genrō antes dele, o mestre Zen Fūgai era exteriormente caloroso e gentil. Tanzan, em contraste, era um homem robusto e viril, temperamentalmente mais parecido com o seu avô espiritual Genrō.

Quando Tanzan encontrou Fūgai pela primeira vez, tomou a suavidade gentil do mestre como sinal de fraqueza e desprezou-o interiormente. Percebendo isto, Fūgai colocou-lhe subitamente uma pergunta tão penetrante que Tanzan rompeu em suor por todo o corpo, completamente sem saber o que dizer. Agora Tanzan reconheceu o domínio discreto de Fūgai e tornou-se um verdadeiro discípulo.

Certa vez Tanzan viu um quadro de um tigre feito por Fūgai. Comentou: «Este tigre é como um gato, mas mesmo assim tem a sua própria majestade inviolável.»

Sondar a Fonte

Mesmo em criança, Kokan desejava evitar as amarras dos enredos mundanos. Tinha apenas sete anos quando deixou casa para se juntar às ordens budistas. Foi iniciado e recebeu os preceitos pelo grande mestre Zen Tōrei, que fora discípulo de Hakuin. Em poucos meses, o jovem Kokan já era capaz de recitar escrituras, poesia Zen e os ditos registados dos mestres antigos.

Quando Kokan tinha nove anos, o seu mentor instruiu-o a fazer uma visita de cortesia aos pais. Viajando sozinho pelo caminho da montanha, Kokan escorregou e caiu no rio que corria pelo vale.

Tirando o manto, Kokan estendeu-o para secar ao lado do caminho, depois sentou-se numa rocha, completamente nu, à espera que o manto secasse. Presentemente, adormeceu de exaustão.

Passado algum tempo, um lenhador que passava viu o menino a dormir e acordou-o. «És um monge viajante, não és?», perguntou a Kokan. «Porque estás neste estado?»

O jovem Kokan contou ao lenhador a verdade do assunto. Então o lenhador disse: «Está quase a anoitecer. Hoje nunca chegarás ao teu destino. Volta imediatamente para a aldeia mais próxima; eu até te acompanho lá.»

Kokan riu-se e disse: «Se vou ser homem, como posso voltar atrás depois de ter chegado tão longe?» Levantou-se, vestiu o manto e seguiu em frente, conseguindo finalmente chegar a casa a meio da noite. Os pais ficaram muito surpreendidos, mas aceitaram a situação com naturalidade, comentando: «O teu mestre tem coragem, deixando-te fazer a viagem sozinho! Ainda bem que tiveste coragem para o fazer!»

Quando Kokan tinha vinte anos, Tōrei enviou-o para ver o mestre Zen Gasan. Gasan disse a Kokan que ouvisse o som de uma só mão a bater palmas.

Agora Kokan pôs-se a trabalhar na contemplação do som de uma só mão. A sua dúvida concentrada era tão intensa que sentia como se carregasse um fardo pesado por uma encosta íngreme.

Nessa altura era pleno inverno, e o tempo estava extremamente frio. Como Kokan só tinha um único manto, Gasan teve pena dele e pediu a um dos

patronos leigos que lhe desse roupa acolchoada. Kokan aceitou por cortesia, mas não a vestiu.

Kokan também ignorava os muitos locais culturais da capital oriental e recusava-se a fazer passeios turísticos com os outros monges. «Ainda não me dominei a mim próprio», dizia. «Que lazer tenho eu para passeios?»

Então, um dia, enquanto caminhava à volta do pátio em meditação, de repente Kokan experimentou uma grande iluminação.

Quando contou a Gasan o que realizara, o mestre ancião testou-o com vários koans. Verificou-se que Kokan ainda tinha alguma obstrução. Gasan disse: «Embora a tua entrada na iluminação tenha sido extática, deves ainda examinar a raiz fonte do som de uma só mão em todos os detalhes.»

Depois disto, Kokan refinou a sua prática e concentrou as suas energias tremendamente. Tinha uma vez perguntado a Gasan quem deveria seguir para completar os seus estudos Zen após a morte de Gasan, e o velho mestre recomendara Inzan. Agora Kokan foi ter com Inzan e trabalhou intensivamente no cultivo do refinamento completo.

Ao longo de um longo período de tempo, atingiu todos os segredos interiores do Zen e terminou a Grande Obra. Inzan deu-lhe o reconhecimento formal da sua mestria e enviou-o para cuidar de um eremitério. Ali Kokan passou dezasseis anos a viver na pobreza e a polir a sua prática do Zen.

Durante esse intervalo, experimentou frequentemente despertares. Uma vez que penetrara profundamente na raiz fonte de tudo, finalmente chegou a ver que havia uma função mística superior especial na escola de Hakuin, e atingiu uma liberdade extraordinária na sua experiência quotidiana. Depois disso, ensinou as pessoas de acordo com os seus potenciais individuais, e muitos beneficiaram dos seus conselhos.

Como Hakuin, Gasan e outros grandes mestres Zen, Kokan recusou a honra da abadia num grande mosteiro, preferindo trabalhar discretamente apenas com buscadores sinceros. Também devolveu um presente de ouro que lhe fora dado por um barão, dizendo que não praticara Zen para ganhar prémios.

Num ano, as colheitas falharam nas províncias do litoral central, e seguiram-se fomes entre os camponeses. Kokan preparou papa para alimentar as pessoas que fugiam da fome, mendigando ao longo da estrada. Dizem que ajudou um número extremamente grande de pessoas desta forma.

Quando Kokan estava próximo da morte, o seu principal discípulo pediu-lhe um verso final. Ele bradou: «O meu verso final enche o universo! Para que serve pena e papel!»

O discípulo disse: «Mesmo assim, por favor liberta ainda outra expressão, uma declaração de cumprimento ainda maior, para deixar às gerações futuras.»

Kokan então sorriu e escreveu:

Setenta e quatro anos a bater para oeste e a bater para leste. A última palavra? Shh! Shh!

Kokan costumava guiar as pessoas fazendo-as descobrir «a raiz fonte do som de uma só mão a bater palmas». Era um mestre Zen rigoroso e raramente dava aprovação a alguém. Quando morreu em 1843, deixou apenas alguns sucessores para continuar o seu trabalho.

Três Tipos de Mendicantes

Gettan costumava dizer: «Há três tipos de mendicantes. Os primeiros são aqueles que ensinam os outros. Os segundos são aqueles que mantêm os santuários. Os terceiros são sacos de arroz e cabides de roupa.

Os descendentes do fundador Zen devem tomar a consciência completa como seu santuário e ensinar os outros para perpetuar a vida da sabedoria dos Budas. Quanto àqueles que não são mais do que sacos de arroz e cabides de roupa, são criminosos no budismo.»

Olha para a Tua Mente

Kakushin foi para a China a meio do século XIII para estudar Zen. Lá encontrou um famoso mestre Zen que lhe perguntou: «Qual é o teu nome?»

Kakushin disse ao mestre Zen o seu nome.

Notando que o nome Kakushin significa «Despertar a Mente» ou «Mente Desperta», o mestre escreveu um verso para o peregrino:

A mente é Buda, Buda é mente: Mente e Buda, sendo assim, existem ao longo de todo o tempo.

Após o regresso de Kakushin ao Japão, o imperador Kameyama ouviu falar da sua mestria Zen e chamou-o para ensinar num dos templos imperiais. Mais tarde, o imperador também convidou o mestre ao palácio para lhe perguntar sobre Zen.

O discurso profundo do mestre, a sua inteligência imensa e a eloquência desinibida impressionaram o imperador Kameyama para além de tudo o que alguma vez conhecera.

Percebendo a qualidade excecional do budismo Zen, o imperador converteu a residência imperial num santuário Zen.

O imperador seguinte, Go-Uta, também convidou Kakushin para uma vila imperial especial para ensinar Zen. O mestre disse: «Os Budas compreendem a mente; as pessoas comuns mal compreendem a mente. A fonte de todos os Budas é uma; os reinos da incompreensão e da compreensão dividem-se. Sem depender de outro poder, podes conhecer pela capacidade inerente. Se queres chegar à Budaidade, tens de olhar para a tua própria mente.»

Sem Distrações

Utame tinha apenas quinze anos quando recebeu pela primeira vez instrução de uma freira Zen iluminada, que lhe ensinou a olhar para o eu mais íntimo.

Utame mergulhou na meditação dia e noite, sem prestar atenção a mais nada. Mesmo quando estava ao espelho a maquilhar-se, olhava interiormente para a essência da mente.

Por vezes ficava tão absorvida que se esquecia do que estava a fazer e limitava-se a ficar ali sentada em silêncio.

Agora os seus pais, que não faziam ideia do que estava por trás do comportamento estranho da filha, começaram a pensar que ela poderia estar a sofrer de depressão ou a encaminhar-se para um colapso nervoso. Tentaram levá-la ao teatro e fazer viagens a locais pitorescos, mas Utame não tinha desejo por nenhuma destas distrações.

Finalmente, um dia os seus esforços chegaram ao fruto, e a mente da jovem mulher abriu-se numa grande iluminação.

Mais tarde Utame casou e teve quatro filhos, dois rapazes e duas raparigas. O marido teve a desgraça de falir, pelo que Utame começou a fazer costura para ajudar a sustentar a família. Viveu mais de setenta anos, acabando por falecer um dia num estado de repouso sereno.

Bater num Valentão

Descendente de um famoso guerreiro, Butsugai era feroz e corajoso. Embora tivesse entrado nas ordens budistas aos doze anos, Butsugai dominou o arco e flecha, a equitação e todas as outras artes marciais tradicionais. Imensamente forte, conseguia furar quase qualquer coisa. Devido ao seu poder físico, era chamado o Monge com Poder de Soco.

A meio do século XIX, o Japão foi abalado por perturbações civis. Nessa altura, certo bando de guerreiros chamado Nova Elite veio para Quioto, na esperança de ascender ao poder numa nova ordem nacional. Turbulentos e autoindulgentes, este grupo de guerreiros tornou-se o terror dos cidadãos.

Um dia Butsugai caminhava pela rua em Quioto, quando passou pelo lugar onde a Nova Elite estava aquartelada. Atraído pelo som de espadas de bambu a chocarem, Butsugai encontrou-se a olhar pela janela.

Presentemente, alguns guerreiros saíram, exigindo furiosamente saber o que Butsugai ali fazia. Ele pediu desculpa, dizendo que era apenas um monge que acabara de descer das montanhas. Os guerreiros decidiram divertir-se com este monge, pelo que o desafiaram para um duelo. «Quem espia aqui», insistiram, «deve saber algo sobre artes marciais.»

Butsugai não pôde recusar. Entrou na sala de treino com os guerreiros, que pegaram em espadas de bambu uma após outra para enfrentar o monge esfarrapado.

Sem mostrar o mínimo alarme, Butsugai pegou no seu cetro cerimonial de ferro e esmagou a espada de cada atacante. Em poucos minutos, o monge budista vencera várias dezenas de homens.

Agora o líder do bando de guerreiros pegou numa lança e avançou. «As tuas habilidades são demais para estes jovens cavaleiros», disse a Butsugai, «mas agora sou eu, Kondō Isamu, que te desafio para um combate.»

Butsugai pareceu aterrorizado. Caindo ao chão num gesto de extrema humildade, disse: «Kondō Isamu! Já ouvi falar de ti! Chamam-te um génio das artes marciais. Um monge errante como eu mal poderia esperar resistir a alguém como tu. Por favor, deixa-me ir.»

Ainda mais encorajado, o guerreiro recusou retirar o desafio. Pressionou Butsugai até o monge, incapaz de evitar mais o combate, voltar a pegar no cetro de ferro e ficar frente ao chefe guerreiro.

Kondō disse a Butsugai: «Precisas de uma arma. Pega numa espada de bambu, ou numa lança de madeira, ou no que quiseres.»

Butsugai respondeu: «Como monge budista, não devo pegar em armas. Este cetro cerimonial serve.»

O guerreiro não deixou o monge escapar. Insistiu que Butsugai usasse uma arma.

Sempre cheio de recursos, o monge Zen enfiou a mão na bolsa e tirou um par de tigelas de madeira. Segurando uma em cada mão, disse ao guerreiro: «Muito bem, avança! Tenta espetar-me se conseguires!»

Esta insolência enfureceu o chefe guerreiro. Agora estava determinado a derrubar o monge com um único golpe. Agarrando a lança, procurou uma abertura na defesa invulgar do monge.

O guerreiro ficou imóvel e sem pestanejar durante quase meia hora, incapaz de ver maneira de atacar. Depois deve ter pensado que notara uma abertura, pois de repente lançou a lança com toda a força e raiva que conseguiu reunir, com intenção de esmagar a caixa torácica do monge.

Escapando ao ataque com grande agilidade, Butsugai apanhou imediatamente a lança entre as duas tigelas, segurando-a firme num aperto de morsa.

Por mais que tentasse, o chefe guerreiro não conseguia libertar a lança do aperto das tigelas de mendigar do monge. Empurrou e puxou para um lado e para o outro, até ficar encharcado em suor.

Após um bom bocado disto, Butsugai soltou subitamente a lança, acompanhado de um grito penetrante. O guerreiro caiu para trás, com a lança a voar vinte ou trinta pés atrás dele.

Atemorizado e humilhado, o chefe guerreiro inclinou-se perante Butsugai e disse: «As tuas habilidades são verdadeiramente extraordinárias, muito para além de mim. Quem és tu?»

«Sou um monge errante chamado Butsugai», respondeu o budista Zen.

«Então és o famoso Monge com Soco!», exclamou o chefe guerreiro, que agora tratava o seu antigo adversário com o maior respeito.

Depois disto, o nome de Butsugai ecoou por toda a antiga capital.

Quando Butsugai terminou os seus estudos Zen, retirou-se para amadurecer a sua iluminação. Em breve, porém, as pessoas que tinham ouvido falar dele começaram a reunir-se à sua volta em grande número para estudar, quer Zen quer artes marciais.

Havia um espadachim renomado que encontrou Butsugai uma vez quando era jovem numa viagem para estudar artes marciais. Chamando Butsugai, o jovem samurai pediu-lhe algum ensino.

Butsugai perguntou-lhe: «Para que vieste aqui?»

O jovem respondeu: «Vim morrer aos punhos do mestre.»

Butsugai considerou esta uma resposta notável e deixou o jovem espadachim ficar algum tempo. Butsugai ofereceu-lhe um verso, dizendo:

Mesmo o poder do Espírito Uivante — uma única camada de rede mosquiteira.

Ao meditar neste verso, o espadachim mais tarde relatou, quando se tornara renomado em todo o oeste do Japão, que atingiu a compreensão interior da essência oculta do jujitsu, a «arte gentil».

Butsugai tornou-se tão famoso que muitos dos grandes barões do oeste do Japão o convidaram para os seus domínios, oferecendo-lhe os templos mais escolhidos para residência. Butsugai recusou todos, permanecendo num templo pobre até morrer, vestindo roupas velhas e vivendo contente com o mínimo necessário, nunca procurando mais nada.

A Mente dos Sábios

Em 1262, Hōjō Tokiyori, regente do xogum, foi ver o mestre Zen Funei. Anunciou: «Recentemente percebi aquilo que não é nem impermanente nem permanente.»

O mestre Zen disse: «O estudo Zen visa apenas a perceção da natureza essencial. Se atingires a perceção da natureza essencial, compreenderás tudo.»

O regente perguntou: «Por favor, ensina-me um método.»

O mestre Zen respondeu: «Não há dois Caminhos no mundo; os sábios não têm duas mentes. Se conheces a mente dos sábios, descobrirás que é a essência inerente que é a raiz fonte do teu próprio eu.»

A Arte da Arte

O mestre Zen Tetsuō era tão famoso pela sua pintura a pincel que muitas pessoas vinham ter com ele apenas para estudar arte. Costumava sempre dizer aos alunos em potencial: «Deveis lembrar-vos do ditado: 'Se queres evitar depender da sociedade, não deixes que a crítica e o louvor perturbem o teu coração.' Quando conseguires cultivar a tua arte sem deixar qualquer mundanidade no teu peito, então mente e técnica amadurecerão naturalmente, e eventualmente conseguirás chegar às subtilezas. Este é o caminho que sai da escuridão para a luz.»

Certa vez, um distinto erudito confucionista e estadista veio visitar Tetsuō. Observando o mestre Zen a executar uma pintura, o erudito notou que todos os movimentos do braço e do pincel do mestre estavam em conformidade com os princípios clássicos da caligrafia.

Quando comentou isto, o mestre Zen explicou: «Em termos de correção da mente, caligrafia e pintura são uma só coisa. Quando faço uma pintura, se sequer um caniço de bambu ou uma folha numa árvore estiver ligeiramente

fora do modo como o traço deve ser, rasgo tudo e atiro fora, depois largo o pincel, sento-me em silêncio e clarifico a minha mente.»

Literatura Zen

Kaigan defendeu o estudo negligenciado da literatura budista e Zen a meio do século XIX. Muitas pessoas pensavam que era apenas um erudito, sem perceberem que era um mestre Zen iluminado.

Kaigan estudou primeiro o budismo escriturístico com o grande mestre Zen Sengai. Mais tarde estudou meditação Zen com Seisetsu e Tankai. Kaigan completou os seus estudos Zen com Tankai e foi reconhecido como sucessor.

Num certo momento, Kaigan foi para Quioto estudar nas academias das outras escolas do budismo. Perturbado com o que encontrou, Kaigan escreveu:

Na ponte da Quinta Avenida, viro a cabeça e olho; leste, oeste, sul, norte, monges ignorantes são muitos.

Mais tarde, o mestre Zen Dokuon explicou: «As pessoas da época consideravam todas Kaigan como amplamente erudito, com uma memória poderosa. E isso é de facto verdade.

No entanto, ele também teve três mestres Zen e descobriu os segredos mais íntimos do Zen, recebendo finalmente o selo de aprovação do mestre Zen Tankai. As pessoas da sua época pensavam que Kaigan era um professor de budismo doutrinal, mas essa não era a sua realidade.

O que preocupava Kaigan era que havia muitos seguidores Zen com intelectos estéreis e poucos que compreendiam os princípios do Ensino. Foi por isso que se concentrou em pregar o Zen literário, a fim de desenvolver e guiar os jovens buscadores.

A atenção de Kaigan estava focada em resgatar as pessoas da decadência dos tempos. Não tinha tempo para prestar atenção a outras coisas. Foi precisamente isso que o tornou grande.»

Elegância

O mestre Zen Tetsuō escreveu as seguintes palavras no seu biombo da lareira:

«Sê reto e honesto, consciente dos princípios da natureza, compassivo e generoso para com os outros, livre de ganância, contente. Realiza os teus assuntos quotidianos corretamente, sem erro. Cuida das coisas sem te apegares a elas.

Estar livre de sentimentos comuns sobre objetos mundanos chama-se a elegância dos antigos. Não encontramos isto entre as pessoas da moda de hoje. Por esta razão fecho a minha porta e não admito visitantes.

Não tenho reputação elevada, nem desejo um nome exaltado. Para viver como quero, finjo incompetência, desejando apenas cumprir o que é naturalmente assim. Não sou mestre de ninguém. As pessoas que tentam aprender comigo são loucas. Isso é porque estudam a minha loucura e não estudam o meu coração.»

Resolução

Settan tornou-se monge aos dez anos. Um dia decidiu partir em viagem para encontrar um guia verdadeiro, e pediu permissão ao seu mentor para partir. O mentor recusou.

Determinado a encontrar o Caminho, Settan decidiu partir sem contar a ninguém. Pendurou um bilhete no portão do templo dizendo: «A menos que atinja o Caminho, nunca mais entrarei por este portão», e partiu.

Chegando à congregação do mestre Zen Tōrin, Settan sentou-se em meditação dia e noite. Tōrin era um dos poucos mestres iluminados que restavam naqueles dias, e o seu método era severo e imprevisível.

Um dia Settan decidiu finalmente que não tinha mais tempo a perder. Subiu ao topo de um edifício e jurou que não desceria vivo a menos que atingisse a iluminação nessa noite.

Sentado em profunda meditação toda a noite, ao amanhecer Settan ainda não tinha rompido. Levantando-se enojado, foi até ao corrimão para saltar do edifício para a morte.

De repente, justamente quando estava prestes a dar o passo, ouviu um galo cantar. Nesse momento a mente de Settan abriu-se, e foi grandemente iluminado.

Tomado de alegria, Settan apressou-se a ir ter com o mestre. Quando o mestre Tōrin o viu, imediatamente afirmou: «Rompes-te!»

O Bom Coração

O leigo Sasaki Doppo estudou Zen com Ganseki. Mais tarde relatou como perguntara ao seu mestre: «O que é Buda?»

Ganseki respondeu: «O bom coração é Buda.»

O leigo acrescentou: «O que há de mais básico no mundo humano é um bom coração. Por isso a mente normal chama-se o Caminho.»

Expressou também estas ideias num verso sobre o xintoísmo, a Religião do Espírito:

A impureza conhecida como tabu é criada pela mente humana; as pessoas que conhecem a mente divina são elas próprias divinas.

Escreveu também:

O sol os meus olhos, o céu o meu rosto, a minha respiração o vento, montanhas e rios acabam por ser eu.

Um Poeta

O monge budista Jōsō foi aluno do famoso mestre de haiku Bashō. As suas práticas e realizações religiosas eram geralmente mantidas em segredo, e era conhecido sobretudo como poeta.

Originalmente um samurai, Jōsō era vassalo hereditário de certo baronato. Como filho mais velho, estava destinado a herdar a propriedade do pai, mas era devotado à madrasta e arranjou para que o filho dela, seu meio-irmão mais novo, sucedesse à herança familiar em seu lugar.

No Japão feudal, não era possível tomar tal decisão arbitrariamente. Ferindo deliberadamente a mão direita, Jōsō retirou-se do serviço oficial por motivo de incapacidade, alegando que não podia manejar uma espada. Inapto para ser guerreiro, já não era qualificado para se tornar chefe de uma casa samurai.

Foi assim que o poeta Jōsō se libertou dos assuntos mundanos para se tornar monge Zen. Após a morte do seu mestre Bashō, isolou-se numa caverna durante três anos, onde escreveu uma escritura budista inteira em pedras, um carácter chinês por pedra, e empilhou-as num tradicional «monte de escrituras». Escreveu também um livro de conselhos tanto para sacerdotes como para pessoas comuns; embora cheio de pensamentos elevados, chamou-lhe *O Livro do Preguiçoso*.

Em comemoração da ocasião da sua retirada do mundo, Jōsō compôs este poema em estilo chinês formal:

Tendo carregado a sua casa nas costas durante anos, um caracol transforma-se em lesma e assim ganha a sua liberdade.

Na casa em chamas, o seu maior medo era que a sua saliva secasse: Agora buscando a chuva da religião, entra numa colina arborizada.

O Ex-Abade

Em certa altura, Yūren era o abade de certo templo em Edo, a capital do Terceiro Xogunato. Ficou tão inspirado pelas leituras de biografias de eminentes budistas dos tempos antigos, porém, que decidiu deixar o cargo para fazer mais trabalho no seu próprio desenvolvimento espiritual.

Deixando uma carta alegando doença e incapacidade de gerir os deveres de abade, Yūren viajou sozinho e em segredo para Quioto, a antiga capital e centro da cultura tradicional.

Alojando-se em vários lugares na área de Quioto, Yūren nunca acumulou quaisquer bens ao longo da vida. De manhã e à noite entoava invocações budistas, e compunha poesia no tempo livre entre os exercícios religiosos.

Yūren não possuía um único livro de poesia. Não sabia como adornar a linguagem e apenas expressava os seus pensamentos. No entanto, por essa mesma razão, a sua poesia tinha uma qualidade de genuinidade direta que a distinguia da multidão.

Certa vez escreveu um verso para uma legenda numa imagem de uma beleza a olhar para um crânio:

Agora com certeza não pegarás no espelho em que olhavas manhã e noite, vendo que esta é a tua verdadeira aparência.

Escreveu vários poemas com letras únicas como títulos, entre eles este:

Olhando sobre os campos, vejo o fumo desconhecido subir novamente hoje. De quem será o corpo a lenha amanhã?

Este poema é sobre gansos a voar passando pela lua:

Embora os gansos voem passando a chorar, o meu coração permanece na lua da noite de outono.

Certa vez, certo sacerdote que vivia em aposentos emprestados num templo causou acidentalmente que ele se incendiasse. Nesta ocasião Yūren escreveu:

Usa tal ocasião para testar a imutabilidade última da mente geralmente imutável.

A pedido de alguém que ia entrar ao serviço de um nobre, Yūren escreveu:

Quando estás a caminho da boa fortuna, não te esqueças de lembrar que o mundo é inconstante.

Esta foi a canção de Yūren aos espíritos:

Embora não tenha nada a pedir para o eu que abandonei, deixa-me rezar aos espíritos pelo caminho do coração.

A Religião Original

O sumo sacerdote Tsū-an era plebeu de nascimento. Era um homem altruísta, reto e honesto. Não só estudava Zen, como também era versado em todas as artes gentis da cerimónia do chá, composição de incenso, arranjo de flores e assim por diante.

Tsū-an também estudou medicina. Embora o seu mestre se especializasse em moxabustão, ele próprio decidiu viajar pelo país para examinar e testar os efeitos de várias fontes termais. Localizou dois lugares onde a água era excecional, mas estavam em áreas remotas, pelo que desenvolveu um método de tratar água comum que produzia efeitos semelhantes. Mandou imprimir esta fórmula e distribuiu-a como ato de caridade.

O vigor mental e físico de Tsū-an não declinou com a idade. Era uma pessoa deliciosa e refrescante. Certa vez, uma dona de casa da sua localidade esteve doente durante anos, atormentada por um fantasma. Durante esse tempo, sempre que um médico chegava, ela enlouquecia e gritava insultos, de modo que nenhum médico ousava aproximar-se dela. Quando Tsū-an chegou, porém, mesmo que a mulher estivesse no quarto de doente, percebia a sua presença no instante em que ele cruzava o limiar. Ficava terrivelmente assustada e submetia-se docilmente ao seu exame.

Tsū-an morreu no ano de 1750, aos oitenta anos. Ao meio-dia do dia em que faleceu, sentiu o próprio pulso e declarou que a sua vida terminaria antes da hora acabar. Como se verificou, morreu efetivamente dentro dessa hora, deixando este verso de despedida:

A religião original é realizada sem princípio. Ao fechar os meus olhos para sempre, a minha essência é o verdadeiro vazio.

Curar a Doença do Zen

Quando o mestre Zen Hakuin era jovem, como a maioria das pessoas, atingiu uma perceção parcial antes de realizar a libertação completa. Determinou então fazer um esforço intensivo para alcançar uma rutura completa.

Após um mês de esforço extenuante, Hakuin chegou ao ponto em que se esquecia de comer e dormir. Finalmente o seu coração e pulmões foram

afetados adversamente, e tinha um zumbido constante nos ouvidos e frio nos pés.

Enfraquecido e sofrendo de ansiedade e alucinações, Hakuin alarmou-se; procurou tratamento médico, mas sem resultado.

Finalmente alguém lhe falou de um homem chamado Hakuyūshi, «o Eremita Puro», que vivia numa gruta na montanha a leste de Quioto.

Hakuyūshi acreditava-se ter mais de duzentos anos. Exteriormente parecia um imbecil. Vivendo no fundo das montanhas, não gostava de visitantes. Sempre que alguém o procurava, invariavelmente fugia. As pessoas locais consideravam-no um feiticeiro. Era perito em astronomia e também profundamente versado nas artes médicas. Se as pessoas o procurassem sinceramente, por vezes dizia algo que, ao refletir, se revelava sempre de grande benefício.

Hakuin partiu para Quioto para ver Hakuyūshi no inverno de 1710. Entrando profundamente nas montanhas nos arredores orientais da antiga capital, pediu indicações aos lenhadores. Avançando pela neve, caminhando ao longo das escarpas, após muitas dificuldades chegou a uma gruta com uma esteira de junco pendurada à entrada.

Olhando pelas frestas da esteira, Hakuin viu Hakuyūshi sentado ali com os olhos fechados. Tinha cabelo escuro que chegava aos joelhos e uma tez saudável e rosada. Sobre uma mesa havia três livros: um clássico confucionista, um texto taoista e uma escritura budista. Não se viam utensílios nem roupa de cama em parte alguma. Toda a atmosfera era de pureza e transcendência, para além do reino humano.

Timidamente e nervoso, Hakuin contou ao eremita os seus sintomas e pediu-lhe ajuda. Ao princípio Hakuyūshi fingiu ignorância e desculpou-se, mas perante as súplicas insistentes e sinceras de Hakuin acabou por concordar em verificar os seus sinais vitais.

Após o exame, o eremita franziu o sobrolho e disse: «Estás acabado. O excesso de meditação produziu estes graves sintomas. Temo que ninguém te possa curar com os tratamentos habituais de acupuntura, moxabustão e medicação. Foste mutilado pela contemplação interior. Se não te esforçares por construir os efeitos positivos da contemplação interior, nunca melhorarás. É isto que significa o dito: ‘Quem cai no chão deve levantar-se do chão.’»

Hakuin disse que abandonaria a meditação Zen para que pudesse curar-se da sua aflição. Hakuyūshi sorriu e disse: «A meditação Zen não é nada de especial. Em geral, a meditação é correta quando não há ‘meditação’. Meditação excessiva é meditação errada. Ficaste doente por causa de meditação excessiva; agora deves usar a não-meditação para te curares.»

Em seguida, o eremita instruiu Hakuin em métodos genuinamente corretos de meditação pura, citando escrituras budistas e a tradição Zen. Mencionou também uma técnica maravilhosa para alívio do stress mental e da fadiga, que disse encontrar-se na literatura antiga. Hakuin perguntou-lhe pelos detalhes.

Hakuyūshi explicou: «Quando te sentires mal durante os exercícios de concentração, deves despertar a mente para realizar a seguinte visualização. Imagina uma bola de manteiga macia, pura e perfumada no topo da tua cabeça. O seu sabor refresca subtilmente toda a cabeça, depois flui gradualmente para os ombros, peito, pulmões, fígado, estômago e intestinos, e pela coluna abaixo até às ancas. Agora a congestão no teu peito fluirá para baixo como água, descendo pelo corpo, pelas pernas até à planta dos pés, onde parará.

Depois imagina que a humidade penetrante do fluxo restante se acumula e que todo o tipo de medicamentos aromáticos se misturam numa tónica que embebe e permeia o corpo desde a região umbilical para baixo.

Ao fazer esta visualização, tudo é apenas uma manifestação da mente, por isso cheirarás um perfume requintado e experimentarás uma sensação tátil subtil e macia no teu corpo. O teu corpo e mente ficarão harmoniosos e confortáveis. A congestão dissolver-se-á, os teus órgãos ficarão em sintonia, a tua pele tornar-se-á luminosa e ganharás muita energia e força.

Se persistires nisto, tornar-te-ás fisicamente são e mentalmente elevado. Se o efeito ocorre lentamente ou rapidamente depende inteiramente da tua diligência.

No passado tive muitas doenças, muito piores do que as tuas. Usando este método, porém, consegui aliviar a maioria das minhas doenças crónicas num mês. Agora vivo nestas montanhas sem medo do frio e sem sofrer fome. Tudo isto se deve ao poder dessa visualização.»

Hakuin partiu após receber estas instruções. Após três anos de prática, a sua doença curou-se. Não só se livrou da doença, como conseguiu penetrar a sua dúvida. Atingiu grande êxtase várias vezes e teve inúmeros insights bem-aventurados. Viveu até uma idade avançada, atribuindo a sua saúde e força aos efeitos residuais das técnicas que aprendera com o eremita Hakuyūshi.

Zen na Vida Diária

Man-an escreveu a um funcionário do governo: «As pessoas de todas as condições têm todo o tipo de coisas a que atender. Como poderiam ter lazer para se sentarem silenciosamente todo o dia em contemplação quieta? Aqui há mestres Zen que não conseguiram cultivar esta concentração de meditação

sentada; ensinam o isolamento deliberado e a quietude, evitando centros populacionais, afirmando que 'a concentração intensiva de meditação não pode ser atingida no meio do trabalho profissional, negócios e labor', causando assim que os alunos apliquem erradamente as suas mentes.

As pessoas que ouvem este tipo de conversa pensam consequentemente que o Zen é algo difícil de fazer e difícil de praticar, pelo que abandonam a inspiração para cultivar o Zen, abandonam a fonte e tentam escapar, tornando-se repetidamente como trabalhadores migrantes de baixa condição. Isto é verdadeiramente lamentável. Mesmo que tenham uma aspiração profunda devido a alguma causa do passado, chegam ao ponto de negligenciar os seus empregos e perder as virtudes sociais pelo bem do Caminho.

Como disse um antigo, se as pessoas de hoje fossem tão ávidas pela iluminação como o são por abraçar os seus amantes, então não importava quão ocupadas fossem as suas vidas profissionais, nem quão luxuosas as suas moradas, não falhariam em atingir a concentração contínua que leva ao aparecimento do Grande Maravilhoso.

Muitas pessoas de tempos antigos e modernos despertaram para o Caminho e viram a natureza essencial no meio da atividade. Todos os seres em todos os tempos e lugares são manifestações de uma só mente. Quando a mente é despertada, todo o tipo de coisas surgem; quando a mente está quieta, todas as coisas estão quietas. Quando a mente única não nasce, todas as coisas estão isentas de culpa. Por esta razão, mesmo que permaneças em lugares quietos e serenos no fundo das montanhas e te sentes silenciosamente em contemplação quieta, enquanto o caminho do macaco da mente e do cavalo da conceptualização não for cortado, apenas estarás a perder tempo.

O Terceiro Patriarca do Zen disse: 'Se tentares parar o movimento e recorrer à quietude, esse parar causará ainda mais movimento.' Se tentares buscar a talidade verdadeira apagando pensamentos aleatórios, fatigarás o teu espírito vital, diminuirás a tua energia mental e adoecerás. Não só isso, tornar-te-ás esquecido ou distraído e cairás num poço de perplexidade.»

Sem Joio

Certa vez o mestre Zen Settan foi convidado para um certo mosteiro para dar uma palestra sobre um clássico Zen. O barão da província assistiu à palestra, sentado atrás de um biombo.

Quando Settan subiu ao estrado e viu o biombo, gritou: «Quem é este atrevido que escuta atrás de um biombo? Nas minhas palestras não há joio, por isso não há necessidade de peneira! A menos que tirem esse cesto de joeira daqui, hoje não haverá palestra.»

Todos na audiência empalideceram. O barão ficou extremamente envergonhado. Pedindo desculpa ao mestre Zen, mandou retirar o biombo e sentou-se ali a ouvir a palestra junto de todos os outros.

Orientações

Settan escreveu certa vez um conjunto de orientações para mosteiros Zen: «Um antigo disse que o estudo Zen requer três essenciais. Um é uma grande raiz de fé. O segundo é um grande sentimento de maravilha. O terceiro é grande determinação. Se faltar um destes, és como um tripé sem uma perna.

Aqui não tenho estipulações especiais. Só exijo que reconheçais claramente que todos têm uma natureza essencial que pode ser percebida, e que há uma verdade essencial que todos podem penetrar; só então a vossa determinação continuará. E há ditos perante os quais maravilhar-se. Se as pessoas forem meio conscientes e meio despertas, não conseguirão realmente ter sucesso no Zen. É imperativo ser cuidadoso e exaustivo.»

Mestre de uma Nação

Shōichi viajou para a China em 1235, onde aprendeu os segredos do Zen com um dos grandes mestres da época. Após regressar ao Japão em 1241, Shōichi começou a ensinar Zen no sul rural. Em 1243 foi convidado para Quioto, a capital imperial, pelo distinto cortesão Fujiwara Michiie. Morreu em 1280 aos setenta e oito anos.

Quando Shōichi encontrou o imperador Gosaga em 1245, apresentou-lhe uma cópia do *Registo do Espelho da Fonte*, um imenso compêndio de ensinamentos budistas compilado por um famoso mestre Zen chinês do século X. O imperador costumava ler este livro sempre que tinha tempo livre. Quando terminou, escreveu no final do texto: «Tendo recebido este livro do Mestre Shōichi, agora vimos a natureza essencial.»

Quando o cortesão Fujiwara Michiie lhe pediu instrução Zen, Shōichi disse: «É questão de ter vontade decidida, de modo que possas ser o mestre no meio de toda a espécie de diferenças e distinções.»

Lótus no Lodo

Torio Tokuan disse: «Não te consideres elevado em comparação com as pessoas comuns. Aqueles que são comuns apenas sobem e descem na estrada da fama e do lucro, sem praticar o Caminho nem seguir o Caminho.

São apenas dignos de pena, não de desprezo nem de ressentimento. Não dês origem a pensamentos julgadores comparando-te a eles; não dês origem a ideias de superior e inferior.

Esta é a atitude necessária para entrar no Caminho dos sábios e santos, budas e bodhisattvas. Por isso colocamo-nos no estado das pessoas comuns, assimilando-nos ao comum, enquanto a nossa vontade está no Caminho, e investigamos as suas maravilhas.»

A Grande Morte

Itachi Jitoku era um cavaleiro ao serviço de certo baronato quando se meteu em sarilhos com um burocrata de alto escalão por falar demasiado francamente e diretamente. Como resultado, foi exonerado do serviço e aprisionado num castelo.

Durante treze anos Jitoku sentou-se num único quarto, indiferente às privações da captura. As regras do baronato permitiam aos prisioneiros apenas textos budistas como material de leitura, pelo que Jitoku pediu emprestado uma cópia de todo o cânone e começou a lê-lo, passando o tempo absorto no oceano dos ensinamentos budistas.

Por fim Jitoku foi perdoado e restaurado ao seu antigo estatuto. Agora com mais de sessenta anos, foi ver o notado mestre Zen Ekkei para aprofundar a sua compreensão.

Assim que Jitoku entrou pela porta, o mestre Zen saltou sobre ele e deu-lhe um murro.

O cavaleiro ficou furioso. Ninguém alguma vez o batera antes, nem sequer o seu pai. Foi ter com Dokuon, outro mestre Zen, e declarou furiosamente a sua intenção de desafiar Ekkei para um duelo até à morte.

Vendo que o cavaleiro estava sério, o mestre Zen Dokuon sorriu e disse: «O velho Ekkei sempre esteve disposto a dar a vida pela verdade. Mesmo que o mates, tenho a certeza de que não se ressentirá. No entanto, estava simplesmente a tentar ajudar-te. Não sabes que poder tem no seu punho! Se o matares sem boa razão, não será mais do que um assassínio. Porque não dás um passo atrás e tentas alcançar uma rutura? Tenho a certeza de que verás como Ekkei foi bondoso contigo.»

Sentindo-se algo apaziguado, Jitoku seguiu o conselho de Dokuon e regressou a casa para meditar. Durante três dias e três noites concentrou toda a sua energia, até finalmente atingir a Grande Morte do Zen, na qual as barreiras do ego se dissolvem.

Regressando a Dokuon, Jitoku disse: «Agora percebo que Ekkei ainda estava a conter os seus golpes. Se o tivesse deixado bater-me até à morte, sem dúvida teria feito uma rutura ainda maior!»

Zen e o Mundo

Quando o mestre Zen Gisan recebeu um título honorífico do imperador do Japão em 1866, respondeu com estes poemas:

HUMANIDADE E LEI

Autoajuda e ajuda aos outros: este transe meu é cumpridor em casa, leal em público, nunca obscurecido nos assuntos quotidianos.

O BENEFÍCIO DO BUDISMO PARA AS NAÇÕES

Não matar, e a vida será suficiente; não roubar, e os bens serão abundantes. Quão excelentes os ensinamentos morais: enriquecem nações e estabilizam famílias.

PROTEGER A NAÇÃO

O que quer que seja mau, não faças; o que quer que seja bom, realiza-o: então acima e abaixo harmonizar-se-ão, o bom e o mau não competirão.